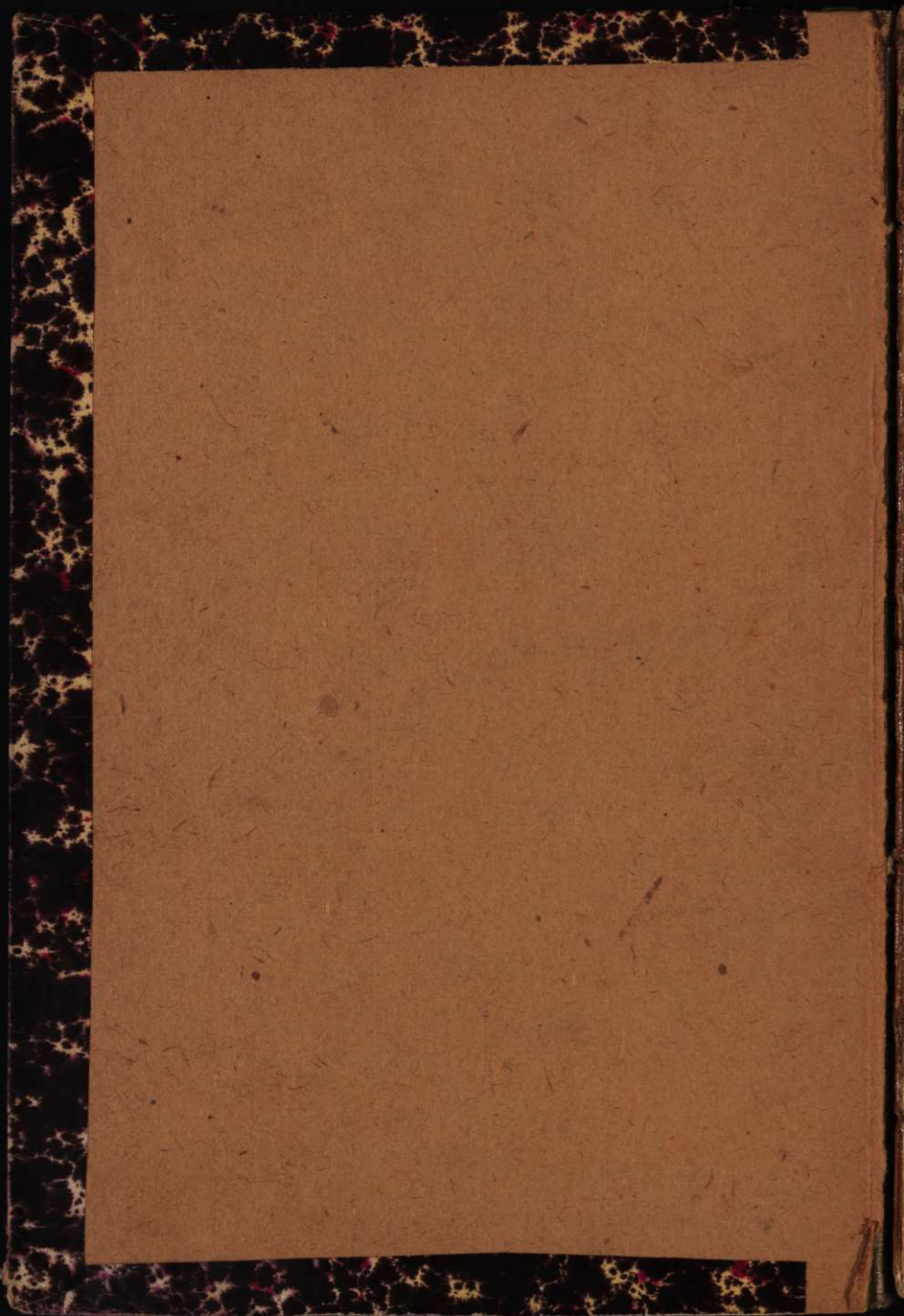


13^o M^o
Periodicos de Coimbra

1891 a 1892 — Biografia

1893
~~1894~~ — ~~Revista de~~
F. de S. ...

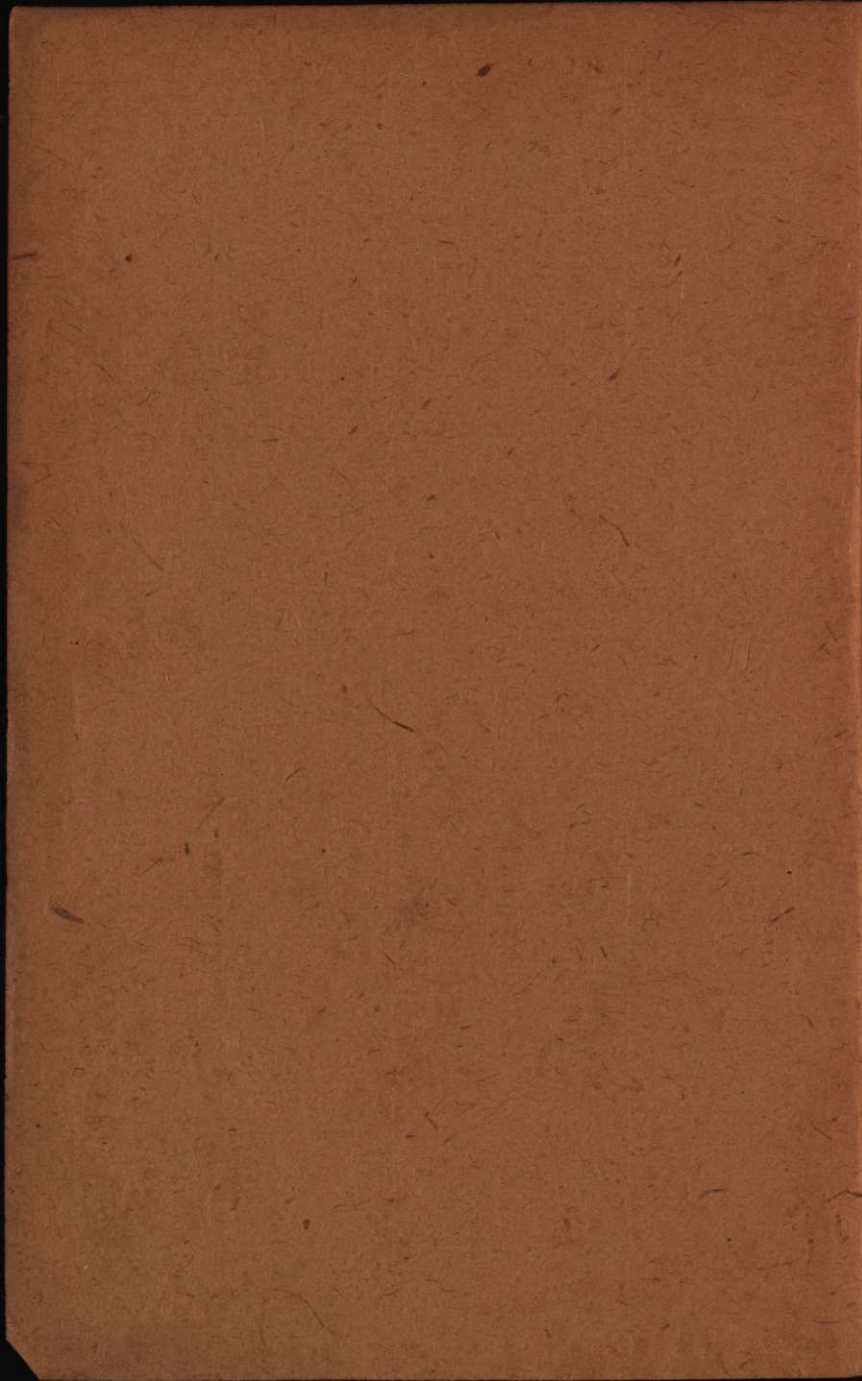
Biografia, 1891.



BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 5430

9HC COIMBRA 2



AZAGAIA

Com este titulo sahirá, na proxima semana, o primeiro numero d'uma publicação, que se propõe combater os processos e os intuitos dos academicos monarchicos que nos ultimos acontecimentos se manifestaram.

Serão seus redactores e unicos collaboradores: Antonio José d'Almeida, Cunha e Costa, Fernando de Sousa, Francisco Couceiro, João de Menezes e Silvestre Falcão.

A elles, sómente, pertencerá toda a responsabilidade da vigorosa e desapiedada campanha que dentro em pouco vão encetar.

Não terá essa publicação dias certos para sahir, nem para ella se admittem assignaturas. Vender-se-ha avulso.

De resto o titulo escolhido indica a sua fórma de combate, sem ostentações de disciplina, mas com impetuosidade e violencia quasi selvagens.



CA

com este título salda, nação
se propõe combater os pro-
nos últimos acontecimentos se
Serão seus redactores e junta
e Costa, Fernando de Sousa, Póvão
A elles sómente pertencida
campanha que deves em nome
Não terá essa publicação
assignaturas. Vender-se-á a
De resto o título escolhido de
disciplina, mas com impetuosid

AZAGAIA



1.º Fasciculo

COIMBRA — DEZEMBRO — 1891

—><—

SUMMARIO :

- A nossa attitude** — Silvestre Falcão.
A quatro incursos no Codigo Penal — Cunha e Costa.
Carneiro com batatas — Franco & Karl.
Aos monarchistas de Coimbra — João de Menezes.
O protesto contra a Academia do Porto — Francisco Couceiro.
O Massacre — I — Antonio José d'Almeida.
A Hydra no Gymnasio — Franco.
Augusto Barreto — Carta.
Nós e elles — Fernando de Sousa.

—><—

Preço 50 réis

Dirigir toda a correspondencia para Coimbra, Arcos do Jardim, 27

1892



Faint, illegible text, possibly a letter or document, visible through the paper.

Antonio José d'Almeida
Cunha e Costa

Fernando de Sousa (*Karl*),
Francisco Couceiro (*Franco*)

João de Menezes
Silvestre Falcão



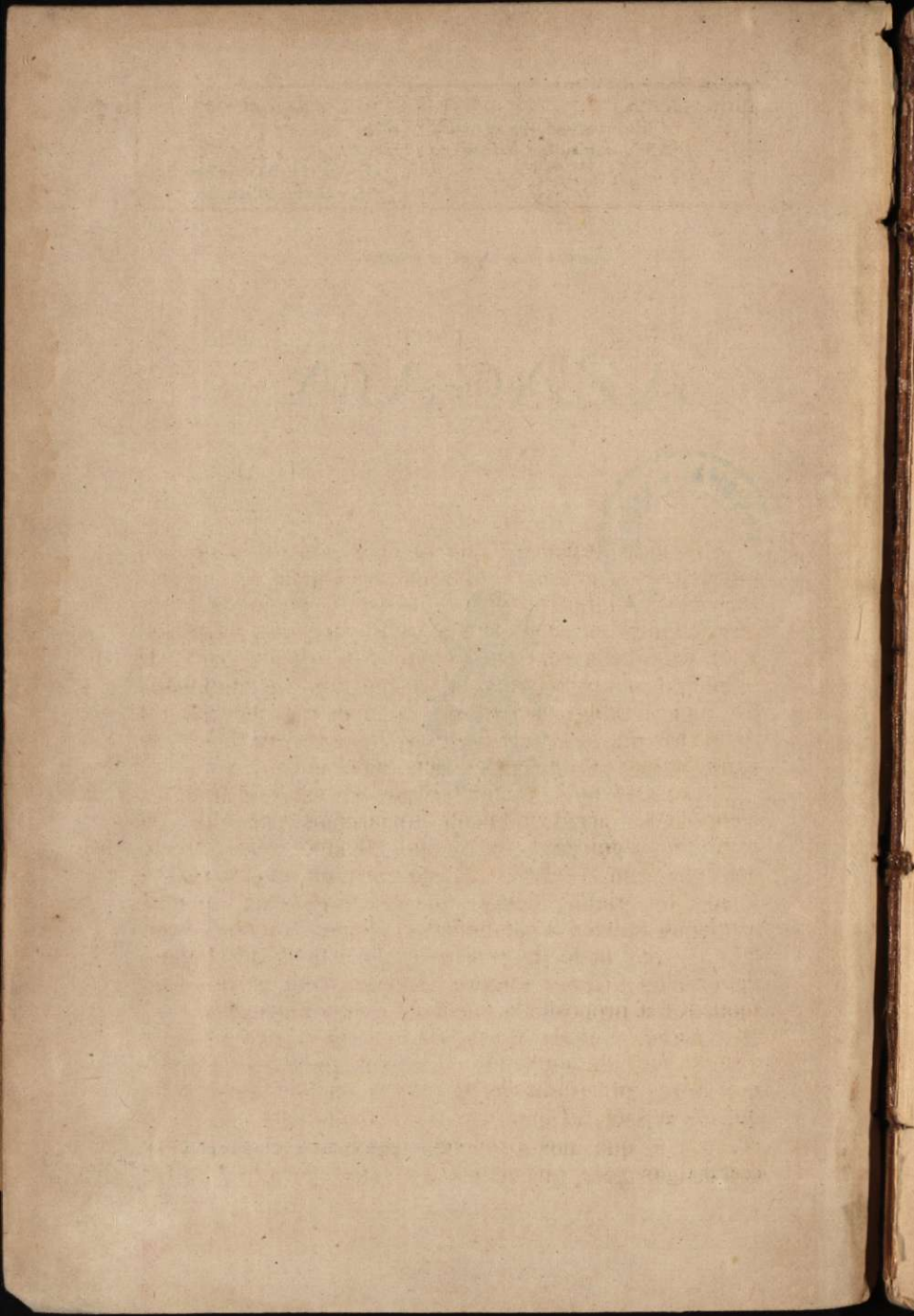
AZAGAIA



Dezembro de 1891

—
COIMBRA

Typographia Operaria





A nossa attitude

Poderia suppôr-se que é nosso fim vir a publico em defeza do grupo republicano academico a que pertencemos. Afigurar-se-ia isto natural a quem de longe tem seguido os acontecimentos provocados pela passagem da familia real em Coimbra. Tem uma parte da opinião d'este pacatissimo burgo censurado e calumniado os republicanos academicos de maneira que natural pareceria que a *Azagaia* saisse a campo em defeza do grupo a que pertencem os seus auctores.

Era este um dos caminhos que nos estavam abertos : comtudo só accidentalmente tomaremos por elle. De ordinario seguiremos outro que julgamos mais directo e fecundo em resultados. E isto por uma simples razão : é que preferimos, sempre que isso é possivel, apontar á opinião publica o calumniador, demonstrando-o como tal, a — por meio de processos dialecticos geralmente demorados e, quasi sempre, inefficazes em parte — demonstrar a propositada falsidade d'uma affirmação.

Accresce ainda, e bastaria esta razão para justificar a nossa attitude aqui, que os nossos amigos só rarisimas vezes precisarão de que os defendam : em quanto que os nossos adversarios desde muito que pediam o correctivo que nos propomos applicar-lhes. E' para os castigar, pois, que saimos a publico : para lhes lançar

em rosto a mesquinhez dos seus processos e a deslealdade da sua conducta, — apontando-os á opinião d'aquelles que no meio d'esse immundissimo charco que se chama sociedade portugueza têm a rara qualidade de conhecer que entre o bem e o mal alguma differença existe.

A certa parcella da opinião coimbrã deve parecer odioso o nosso papel.

Tanto melhor. Por essa temos nós o mais profundo desprezo. Em 31 de janeiro estava ella com os republicanos ao lado dos revoltosos do Porto: poucos dias depois repetia imbecilmente as calumnias que alguns gatunos disfarçados em jornalistas vomitaram sobre esse punhado de valentes cujo heroico sacrificio bastaria para merecerem o respeito de todos os corações generosos. Hoje conserva-se ainda ao lado da monarchia mas dentro d'um bem curto prazo — dois ou tres mezes talvez — hei-de-a ouvir, quando a nação se afundar no abysmo para que é inevitavelmente arrastada, hei-de-a ouvir enraivecida e feroz lançar toda a sua indignação sobre aquelles cujos minimos actos hoje tão servilmente louvaminha. Hei-de ver, tenho a certeza d'isso, certos caões vociferarem esbaforidos contra seus amos e senhores, attribuindo-lhes, não a desgraça da patria agonisante e coberta de vergonha, mas a vacuidade de seus estomagos famintos.

E não hão de lembrar-se — os miseraveis — que a responsabilidade da desgraça de todos nós não pertence unicamente aos de cima; pertence-lhes tambem a elles que — uns com a sua imbecilidade — outros com o seu egoismo — e finalmente, a maior parte, com a sua indiferença criminosa — poderosamente têm concorrido para essa catastrophe que desde muito está pervista por todos aquelles que, não sendo inteiramente myopes, não ateimam a fechar os olhos.

Provavelmente ao grupo d'estes caões pertencem os que se riram quando, na estação, um estudante levantou um viva a Portugal. Chega a parecer incrível, mas é infelizmente verdade: diante do comboio real, que

regressava a Lisboa, houve um grupo que a um viva a Portugal respondeu com gargalhadas. Os homens acharam ridiculo que, no fim do seculo XIX, ainda houvesse quem se lembrasse d'uma coisa tão grotésca, tão fóra da moda, como o velho Portugal. Por mais que deseje, não consigo encontrar explicação para um tal desvario. Só se ao lembrarem-se da triste situação em que nos encontramos, ameaçados por uma tutella estrangeira, não quizeram perder o ensejo de registrar esta nota que mais tarde seria uma optima recommendação para lhes grangear as boas graças dos futuros administradores da fazenda publica. Se não foi esta a razão que os determinou á pratica de semelhante infamia nada nos admiraria que o fosse. Estava perfeitamente na logica do proceder d'essa gente..

Quando reputam a monarchia segura, são realistas até á ferocidade: quando lobrigam no horisonte o provavel triumpho d'uma revolução republicana, são republicanos até á medula dos ossos: quando estamos em vespuras de ser administrados por estrangeiros, que admira que fossem tratando de fazer a bocca doce aos futuros tutores da nação? A melhor pratica é sempre esta: estar bem com Deus, quando não merece a pena estar bem com o Diabo.

Em face de tudo isto claramente se vê que não podêmos pautar o nosso procedimento pelo sentir d'essa turba que de ha muito perdeu as mais simples noções de moralidade e de justiça.

Continuaremos o nosso caminho, praticando o que a nossa consciencia nos indicar sem para nada nos importar o que de nós se pensa e se diz.

E, embora a opinião conspicua e ordeira do burgo coimbrão nos seja adversa, começaremos hoje a tarefa que a nós mesmos impozemos. Agora aos nossos adversarios compete sair a campo e defender-se conforme as suas forças. Que venham: nós cá estamos. Elles têm a

seu lado a lei das rolhas, a policia, o governador civil e o Ferrão. Tudo isso é contra nós. E' o *partido* que lhes damos.



Emquanto a nós, quando julgarmos conveniente, appareceremos. Nos intervallos conservar-nos-hemos sempre álferta, na frente dos nossos adversarios, a *Azagaia* apontando-lhes á garganta. Assim obrigar-ohemos a levantar a cabeça e a endireitar a espinha.

E' um serviço que lhes prestamos, creiam.

Coimbra, dezembro de 91.

SILVESTRE FALCÃO.



SIMÃO PESSOA — A pata que choca os ovos (mensagens) que o sr. governador civil põe.



A quatro incursos no Código Penal

Meus caros facinoras:

Pedem-me vv. para eu fazer parte d'essa redacção de criminosos. Aceito. Num paiz em que os fornecedores da Penitenciaria usufruem grossas prebendas e estadeiam gran-cruzes e titulos nobiliarchicos, é justo que o carcere seja o premio da honestidade e a perseguição o salario da virtude, aliás não haveria differenciação apparente entre essas modalidades do caracter humano.

Agrada-me a camaradagem que me offerecem. João de Menezes, preso; Antonio José d'Almeida, em vespers de o tornar a ser; Fernando de Sousa e Francisco Couceiro, pronunciados! Só o Silvestre e eu conservamos ainda a virgindade, mas quem sabe se, dentro em pouco, nos *desgraçarão* tambem. . .

Agora, uma pergunta innocente: Para que foi fundada a *Azagaia*? Para combater os estudantes monarchicos capitaneados por um rata de sachristia? Não vale a pena, creiam. Elles, afinal de contas são uns excellentes cavalheiros. Ducteis, malleaveis, unctuosos, um ar de prima tonsura que encanta! E depois o sem numero de applicações praticas que de tão prestimosos cidadãos se podem extrahir. . . capachos, piassabas, pannos de casa, uma multidão de utilidades emfim!

Intellectualmente, não incommodam ninguem. Em vez de miolos, lavadura. Caixa craneana, granitica. Um

folheto não os incommoda. Não percebem. E fazem muito bem. A' primeira ideia sufficientemente penetrante para lhes romper a couraça encephalitica era eminente uma congestão cerebral. A actividade mental representa para elles o papel da lua para os cães. Ladram-lhe.

Politicamente são o que devem ser todos aquelles que baniram do seu programma de existencia os allegres soffrimentos do trabalho honrado. A advocacia, repugna-lhes, o professorado desprezam-no. São vidas de estudo, de responsabilidade e de fadiga. Portanto, *anathema sit!*

O orçamento é o seu pae espiritual e temporal. A elle respeitam, a elle adoram. E' o seu *manipanso*. São os parasitas do estado, os precevejos do Thesouro. Por isso detestam as instituições republicanas. Perdigueiros, educados na caça do contribuinte, farejam em um novo regimen largo banquete de fome para a classe a que pertencem. D'ahi o seu odio que, em ultima analyse, achamos legitimo. E' a revolta do estomago. Poderosa viscera!

Na economia academica desempenham as funcções da cedula de meio tostão. Bronze! É ainda assim inconvertivel. Papel depreciado. Se os offercessem ao Mariano regeitava-os. E o Mariano não é dos mais escrupulosos.

O que elles valem, meus bons amigos, dil-o o largo periodo de manifestações academicas decorrido desde 11 de janeiro. Ainda hoje os eccos do theatro de D. Luiz repetem as monstruosas bernardices ejaculadas pela pecegada monarchica, desde a *estulticia louca* do Lello até aos protestos do *Brandãozinho* e artes correlativas.

Com que facilidade se derrotavam! E ainda tinham o Alte que, apesar da sua pyramidal ignorancia, valia por elles todos. Agora, capitanea-os um theologo, miasador *eximio*. Pobres diabos!

Volta a academia ao periodo theologico de Augusto Comte. Preparem-se para a gargalhada. Que bellos concilios ecumenicos da asneira vv. vão ter! Estou capaz

de me ir formar na faculdade da pasta branca para não perder o bello espectáculo d'essa succursal da Catholica.

Ora gente d'essa ordem não se discute! Enxota-se. Chamal-os para o campo da argumentação é clamar no deserto.

Com o Abel sobretudo não se mettam. E' um *Corpus juris canonici*. E' o Alves de Sousa da Academia. Não o provoquem! aliás terão de empregar o recurso supremo do calomelanos e alcool ou da pomada de soldado.

Se, porém, fizerem um museu de raridades consagram-lhe uma vitrine especial. D'aquillo apparece pouco! Felizmente!

Agora uma prevenção:

Emquanto vv. os combaterem franca e lealmente, de frente altiva, consciencia bem limpa, elles far-vos-hão a guerra da toupeira e do morcego, na treva, deshabituada a pupilla da bella claridade dos dias cheios de sol embriagados de azul.

Ao vosso ataque á Bayard elles responderão com uma defeza *louche* á Loyola. As armas de que se servem são as do jesuita: emboscada, traição, embuste, falsidade, servilismo. Não contem vv. com outras. Está-lhes na massa do sangue.

Conservem-se sempre no *qui vive!* Cautella com os *condottieri!*

Lembrem-se de que, para vos hostilisarem, elles não duvidarão recorrer a todos os meios, porque todos lhes parecem igualmente licitos.

Não podem lutar frente a frente com a Academia Republicana. E, como não se convencem nem se convertem, de alguma forma hão de procurar vingar-se.

Por isso cautella! E estou certo que a victoria será vossa.

O futuro pertence-nos. E' uma questão de oportunidade. E, no dia immediato ao triumpho, ninguem mais jacobino do que esses *«lambedores de extremidades»* que, hoje, abdicando por completo da activa dignidade do homem independente e austero, se rojam humildes,

em vermiculações de reptil, á busca das pontas de cigarro que ao seu patrão aprouver conceder-lhes.

É debaixo d'este ponto de vista que a vossa publicação é util: — frisando bem perante esse bando jogralesco que é fundo o abysmo que entre vós e elles se formou e que vv. afferirão pela mesma cotação de desprezo as suas acclamações de amanhã e os seus protestos de hoje.

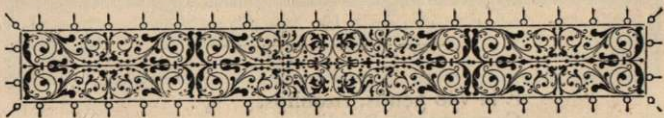
Sempre vosso

CUNHA E COSTA.

Bacharel formado estranho ao orçamento



ABEL D'ANDRADE — Saco de expositores roto no fundo; ou breve resumo da bibliotheca da universidade.



CARNEIRO COM BATATAS

*O Wenceslau deu feriado
Aos bachareis pataratas,
Mas lá diz o triste fado:
«Para os **carneiros** batatas»!*

(CANÇÃO MONARCHICA).

Falharam as ovações,
Mensagens, salamaleques,
E temendo novos cheques,
Bernardas, revoluções,
Wenceslau c'os seus botões
Vê o caso mal parado!
Mas de repente, inspirado,
Com palestra amena e meiga,
Deu torradas com manteiga,
— *O Wenceslau deu feriado!*

Parte da Luza a gentinha,
Abel á frente do rancho,
— D. Quixote mais o Sancho
Patusco padre Farinha! —
Do patusco fiz sardinha,
Da sardinha fiz batatas,
Caia o *Vadio* de gatas,
Dobre o *Chato* o espinhaço...
Frum, frum, frum, que vão ao Paço
— *Os bachareis pataratas!*

E lá vão gentis, risonhos,
 Capas novas, luzidias,
 E a manteiga das fatias
 A derreter-se-lhe em sonhos
 Azues e brancos, medonhos :
 — Patusco vê-se mitrado,
 Abel, um lente afamado,
 O Huet, com voz de eunucho,
 Da real capella o cuco...
 — *Mas lá diz o triste fado :*

«Torradinhas com manteiga,
 Por cima café, limão»
 Para a pranchada Ferrão,
 Para os moleiros taleiga ;
 Mas nem sempre a sorte é meiga.
 Dizem, pois, linguas ingratas
 Que em nocturnas passeatas
 De Abel ao Jardim Botânico,
 Lhe canta o ecco satânico :
 — *Para os carneiros batatas !*

FRANCO & KARL





Aos monarchistas de Coimbra

Os esguichos de telegraphica *reportage*, com que o divino Carrelhas e o sr. D. Carlos mezinham o craneo do Sergio para que este animal desembestasse em coices de entusiasmo realista, escrevendo na sua gazeta, que a viagem real fôra um triumpho, não conseguiram illudir ninguem ácerca da nenhuma importancia das manifestações de *affecto* pela monarchia. A situação de todo o norte do paiz, onde a miseria vae crescendo, não era realmente de molde a provocar enthusiasmos, faceis todavia de conseguir, desde que o foguetorio estraleja e uma recua de *filhos de Apollo* zabumba desenfreada.

Apezar de tudo, porém, o viva official grunhiu. O vivo-rio do amanuense, do vadio, do policia á paisana, de toda a comparsaria idiota ou esfomeada recrutada para estes actos constitucionalmente chamados de *publico regosijo*.

De resto, é conhecido como a auctoridade superior dispõe do empregado subalterno, como o influente eleitoral explora o burguez na sua vaidade e o burguez, por seu turno, explora a miseria do proletario que o serve. Uma gratificação, duas commendas, esmolos e decilitros, e está organizada a manifestação. Tudo isto já tem um formulario organizado, um serviço de galopinagem especial. Os accessorios para o entusiasmo chegar ao delirio, esses apparecem facilmente. Um pae idiota que faz versos e manda as filhas com vestias d'anjo recital-os diante da rainha; esta beijando os dois fede-

lhos, duas phrases do rei ácerca da industria, escriptas no singular e assignadas no plural; uma observação do sumptuoso sr. Ramalho sobre arte, notando sempre que depois *d'isto*, *aquillo* é a melhor manifestação artistica; o presente d'um cobertor ou d'um par de botas; e prompto! Morreu o jacobinismo.

O rei segue depois para outro sitio, a hora certa, para não alterar o horario do enthusiasmo já distribuido, e, para coroar a scena, dá um viva á cidade d'onde partiu. E lá vae seguido d'um comboio que leva a policia para a manifestação seguinte. Porque é de saber que a policia nestes casos é tudo. O Fialho d'Almeida notou-o com toda a minuciosidade quando escreveu ácerca do cyrio da Beira-Baixa. Disse-me elle que, por occasião d'essa viagem, tendo o principe agarrado um dos pombos que lhe atiraram, e desejando comel-o com ervilhas, o cosinheiro viu com espanto, ao abrir o volatil, sahir um policia! Até disfarçados em pombos! No Porto, como todos elles tiveram de servir de paisanos, houve paisanos que tiveram de vestir-se de policias, para a cidade não ficar abandonada quando se esperava que o sr. Mariano fosse lá. Deixamos, porém, estes episodios todos que, por demasiado burlescos, estão mais propriamente sob o dominio da phantasia de qualquer Ferrão.

Outro symptoma, que mostra a bandalheira moral de tudo isto, vamos apreciar.



Dadas as perseguições politicas intentadas pelo governo aos estudantes de varias escolas, (e eu não vou fallar de mim, porque desprezo em absoluto a solidariiedade que os academicos realistas podessem querer testemunhar-me) era de esperar que os academicos do norte, se não se manifestassem hostis á realeza, conservassem comtudo uma attitude de indiferença e frieza, demonstrativa da sua dignidade e dos seus sentimentos de camaradagem. De facto, um grupo de rapazes de

Coimbra e os rapazes do Porto, com raríssimas excepções, procederam como deviam. Mas a este acto audacioso do protesto na estação de Coimbra e do procedimento altivo dos estudantes do Porto, sahindo das aulas quando o rei entrava, e recusando os feriados offercidos, um acto de tristissima e repugnante subserviencia se seguiu: a attitude dos jovens realistas.

Não bastava que humildemente, hypocritamente, fossem rojar-se diante do rei, a pedir-lhe feriados, pagando-os com vivas.

Não bastava que desenrolassem diante do monarcha aborrecido mensagens chocadas por Wenceslau, como quem desenrola um capacho. Não bastava que fizessem causa commum com a policia, applaudindo-a pelas prisões de rapazes que tiveram a coragem de manifestar as suas opiniões pela maneira audaciosa de que os monarchicos, com a monarchia no poder, não são capazes, porque não têm crenças, e do que dizem nada sentem. Não bastava no entender dos realistas todo esse revoltante proceder. Para mais se humilharem, para mais ardentemente significarem o seu *affecto* pelas instituições, entenderam que mais alguma coisa, do que abandonarem os camaradas da sua escola, era preciso. — A academia do Porto havia publicado um protesto contra a viagem do rei, e nesse protesto, para todos os que não fossem facciosos, havia uma nota sobremodo sympathica — o sentimento de indignação pela humilhante perseguição intentada contra Eduardo de Sousa.

Pois foi no Porto que os realistas de Coimbra foram affrontar os sentimentos de camaradagem dos companheiros de Eduardo de Sousa. Foi no Porto que os realistas da universidade foram prestar a sua homenagem ás instituições em nome das quaes um estudante está preso e reduzido á condição de um simples grumete, com prejuizo do seu futuro, com offensa para a sua dignidade! E não repararam os imbecis, ou não lhes conveio reparar, que acima das escolas do Porto ou de Coimbra estava a Academia Portugueza!

O resultado d'esta provocação não se fez esperar em ós tivemos de assistir á scena degradante dos escarados virem supplicar a muitos ingenuos e de boa fé que os acompanhassem a elles e aos seus sequazes num protesto em que mais uma vez se aggreidia a Academia do Porto. Tinha de ser assim. Quando estes individuos fazem manifestações monarchicas sob a protecção da força armada, é evidente que deviam pedir a uma collectividade que os desaffrontasse d'uma offensa merecida, que era simplesmente pessoal.

A Academia de Coimbra costuma invocar as suas tradições. Se os monarchicos quizessem conhecê-las teriam de envergonhar-se do papel que hoje desempenham. Invocam as tradições da Academia? Não é isso que devem fazer, meus caros, o que é preciso que façam é mantel-as. E essas, que o desmintam com factos, essas tradições de civismo têm sido mantidas nestes dois ultimos annos, desde 11 de janeiro, unicamente pelos estudantes republicanos.

Os monarchicos só um facto passado noutro tempo são capazes de reproduzir — revoltarem-se por não lhes darem um *perdão d'acto* como fizeram os estudantes d'outros tempos quando nasceu o sr. D. Carlos de Bragança a quem hoje pertence a homenagem da sua *dedicação*, porque lhes subiu á cabeça o... chá do Wenceslau.

Cadeia do Limoeiro

JOÃO DE MENEZES.





O protesto contra a Academia do Porto

«E' este o nosso sentir, expresso sem palavras mentirosas, sem indignação postiça, e baseado só na convicção de que não devemos esquecer que aquelles academicos são nossos irmãos e camaradas.»

Eis o periodo d'esse triste documento, que mais desafiou a nossa indignação. E, já que os signatarios têm o impudor e insensatez de invocar a fraternidade academica e os laços de camaradagem em prol d'aquelles que foram os primeiros e os unicos a quebral-os vergonhosamente, que nos oiçam:

Em 11 de janeiro do tenebroso anno de 90 a Inglaterra brandia a Portugal a mais vil das affrontas.

Num despertar vibrante e doloroso todo o paiz se levantou para repellil-a, impulsionado e commovido pela attitude nobre e audaciosa das academias.

E os novos, os sinceros comprehenderam então que era preciso combater sem treguas as instituições e os homens, que a tão degradante situação nos haviam arrastado.

Travou-se a lucta. O ministerio que nesse transe angustioso subira aos conselhos da corôa, esquecendo a Patria e defendendo o throno, lançou mão de todos os meios violentos e torpes, rasgando mais uma vez a constituição, amordaçando a imprensa, perseguindo desafortadamente todos os que protestavam no seu plenis-

simo direito de cidadãos e portuguezes, e tudo isto para fazer vingar um tratado infamante, que entregava a nação que nos insultára o melhor dos nossos dominios africanos!

Frustraram-se-lhes, porém, os intentos. Opaiz impoz-se-lhe em massa, fazendo-o cahir tão miseravelmente como vivêra.

Succede-lhe um governo que, apresentando-se com o réclame do extra-partidarismo e com um programma pomposo, não tardou todavia a desmascarar-se impudentemente, seguindo a vida desbragada dos seus antecessores.

Consequencia inevitavel de todos estes factos, rebenta no Porto uma revolução a 31 de janeiro de 91, cujos fins grandiosos ninguem já hoje de boa fé se atreve a contestar. E certamente este movimento repercutir-se-hia em todo o paiz, se a traição e a defeecção não tivessem alcançado uma victoria material para as instituições. O Porto, profundamente abalado, assistia numa commoção fremente a essa tragedia formidavel que se desenrolou dentro dos seus muros, tendo um epilogo tremendo nas aguas de Leixões. E a academia d'essa cidade sentia-se ferida desapiedadamente, bruscamente separada de muitos camaradas, que, ou demandavam o exilio, ou esperavam entre ferros as sentenças da monarchia.

Um d'estes, um dos mais queridos, dos mais dignos e talentosos, Eduardo de Sousa, aspirante a medico naval, expia hoje preso a bordo d'um navio de guerra o seu crime abominavel!

Mas não bastava isto. A monarchia quiz vingar-se d'elle ainda mais ferozmente, e applica-lhe, sophismando-a, uma lei que o reduz á condição de grumete da armada!

Reune a Academia do Porto, pedindo o apoio das outras academias, para evitar a consummação da infamia. E nós, os republicanos, fômos os primeiros a abafar a nossa indignação em nome da fraternidade academica, e, reunidos aos monarchicos de todas as

côres, enviámos ao poder executivo, *cujo chefe é o rei*, uma mensagem em termos energicos, mas respeitosos e dignos, para a revogação do decreto que tão injustamente ia agravar a situação d'esse camarada.

E prometteram attender-nos, e enganaram-nos, e não cumpriram!

Quem ficou ferido, affrontado, com semelhante procedimento? Os republicanos? Não. Todas as academias do paiz, onde ha republicanos, onde ha monarchicos. Aqui não havia politicos: havia estudantes unicamente, exclusivamente, a quem se ludibriára d'uma maneira indecorosa, a quem se desconsiderára, a quem se negára o cumprimento d'uma promessa justissima, sollicitada em favor d'um camarada, d'um irmão!

Eis em parte justificado o nobre e altivo protesto da Academia do Porto perante a viagem real.

Em Coimbra, que se atrevam a negal-o, declarámos bem alto — que a nossa attitudo seria a da mais absoluta indifferença, se porventura elles, não esquecendo primeiro que tudo essa fraternidade, que hoje invocam para limpar-se d'uns escarros, se lembrassem de que no «Vasco da Gama» estava preso o *grumete* Eduardo de Sousa, estudante da escola medica do Porto, e no Limoeiro João de Menezes, estudante de direito da universidade. E que fizeram?

Quebraram revoltantemente todos esses laços, desafiaram-nos, tentaram promover manifestações da collectividade, empregando para tal fim, por insinuações e promessas de alguns especuladores, entre outros meios *o do feriado*, que infelizmente compra ainda as consciencias d'esta tristissima raça de bachareis!

Que infamia!

Os resultados de tão odiosa conducta ninguem os desconhece. Prisões arbitrarías, cargas de sabre aos bramidos de commando do Ferrão, que, encasacado, abas a dar a dar, penante ás tres pancadas, peitilhos salientes, repolhosos, faiscentes, gommados a primôr; bânda azul, cingindo-lhe o ventre prenhe de instinctos monarchico-

dispersivos, extraordinario, épico, infinitamente commissario, vingava assim heroicamente os freguezes do throno!

Pois não obstante isto, esses srs. vão nessa mesma noite fraternisar com a policia, e, em repugnante promiscuidade, aguardam á porta do governo civil as ordens do chefe do districto.

Depois, entre uma chavena de chá e umas torradas com manteiga, impõe-lhes este como condição *sine qua non* dos feriados, uma mensagem ao rei com um determinado numero de assignaturas, indicando, quando não redigindo, os termos d'essa mensagem!

Obedecem cegamente! Angariam-se nomes, illudindo indignamente os fracos e os ingenuos, excitando a vaidade dos parvos e dos asnos, e partem para o Porto.

Não queremos aqui discutir o procedimento da academia d'essa cidade. Lembraremos apenas que esta ida e todos os demais factos representavam um insulto aos brios academicos, uma baixaza sem nome, um sabujismo miserável, e que os desgraçados portadores da mensagem não podiam considerar-se de maneira alguma delegados d'uma collectividade, que atraçoavam e pretendiam cobrir de vergonha.

O telegramma que a academia do Porto enviou á de Coimbra demonstra-o bem frizantemente.

E, terminando, diremos:

— Homens que se deixam apupar, insultar, escarrar, sem um desforço immediato da affronta, merecem de todos os que têm character, republicanos ou monarchicos, o mais profundo e absoluto desprezo.

O protesto, que elles proprios assignaram, é a sua maior vergonha.

Só lamentamos os ingenuos e os sinceros que se deixaram ludibriar, subscrevendo um documento, que representa uma torpe especulação politica, que é um degrau feito de podridões, tapetado a capas escarradas, para o accesso de alguns ao favoritismo do throno e aos cofres do estado!



O massacre

I

Discordando d'ella no campo das opiniões, respeitaria, todavia, uma manifestação correcta que, em nome d'uma convicção e tendo a alimentar-a a boa fé, fosse feita pelos estudantes monarchicos de Coimbra ás instituições vigentes.

Combatel-a-ia com ardor; mas, sem no meu espirito irritação haver que aconselhasse o massacre, a tempo suspenderia o braço á lucta, não imprimindo o cunho de inexoravel retaliação.

Mas não se deu isso. A attitude da academia monarchica de Coimbra, em face da viagem real, sem franca espontaneidade e boa fé a couraçal-a, amplamente revelou uma serie de inqualificaveis baixezas, que infamia seria deixal-as passar sem castigo.

Em consciencia, pois, impõe-se o massacre.



Mostraram os estudantes carlistas, para levar a cabo o seu espanejar de capachos ao sol, que não é aos preceitos da honra collectiva e individual, nem á dignidade da classe ou do proprio nome que conferem respeito quando se trata de futeis interesses e ambições miseraveis.

Tanto assim é que numa terra, como Coimbra, velho coito de *snoobs*, entretecido no seu trama monarcho por salamalequeiros de profissão, foram elles que mais destacaram no agatanhar da propria hombridade. Isso por si apenas mereceria, talvez, o rabo-leva d'uma troça cortante. Mas a mocidade esperançosa foi mais longe. Parecendo já encartada na perfidia, de tão facil triumpho na nossa terra, não trepidou um minuto na grasnada constitucional, ao saber que collegas seus, exactamente victimas do desafio que lhes lançaram, eram o alvo dos ultrajes e das injurias de tudo o que em Coimbra se rebola nas paginas da Carta. E isso é que é de mais; muito de mais até. Já não lhes basta a chibatada da troça; é preciso fazel-os oscillar na mesma corda em que enforcaram os brios d'uma classe inteira!

Ah! passou o tempo em que havia pelas ruas tumultos ardentes, francas explosões. Então, antes de reconsiderar, metade d'essa turba deu morras á Inglaterra e vivas á Republica, crispando os dedos á procura d'um baração e offerecendo os proprios hombros para espeques d'uma forza. O carcere era affrontado em theoría; arremetia-se em palavras contra o exilio interpretado na sua concepção lamecha e romantica. Eram-valentes como as armas, quando já premeditavam a abjecção para o futuro. Numa furia de entremez, erguiam-se como gorillas, para mais tarde, numa degradação imbecil, se rojarem como còbras.

Mas o «31 de janeiro» fuzilou atravez das brumas d'uma manhã e a aurora da regeneração, que despontou luminosa, ia horas depois afogar-se nas trevas humidas dos carceres. A immensa desgraça d'aquella derrota, em vez de enrijar, maleabilisou o fraco espirito d'essa gente.

Já se não mostrava o throno periclitante, rodeado por vagas temerosamente encrespadas; já o throno não parecia batido pela ventania rebelde; e o cantico sonoro que uma Patria inteira vinha entoando electrizada na sua gestação guerreira, esvahiase ao longe, deixando em Leixões os despojos do entusiasmo que semeára.

E os puritanos de momento, ennovoada a dubia razão, enrodilhada a alma mesquinha, só ouviram, dando-lhes voz de commando para um rumo diverso, os gritos do estomago voraz. E juntaram-se aos outros, aos outros que as desgraças, do paiz não abalaram, que o «31 de janeiro» não commoveu, que a fome dos collegas expatriados não impressionou, e todos de roldão, chusma abjecta sem um toque vibrante de clarim, sem um pedaço glorioso de bandeira, lá foram imagem grotesca da degradação eterna e do servilismo.

O' cynismo ovante, estende-lhes pelos hombros o manto de todas as tuas baixezas!



Um unico viva á Patria não deram; num brado, sequer, referencia não tiveram para o paiz.

Nem a attitude activa de quem possui consciencia; nem uma palavra para a avalanche dos males que nos matam; nem a simples tirada rhetorica, que o desejo traduzisse de arrancar á catalepsia profunda tudo o que foi grande e já morto parece; nem um braço estendido a apontar velhas ulceras que urge cauterisar; nem mensagem em que analysado fosse o estado da nação, sem couraça que a proteja ou armas que a defendam; nem um grito de sympathia para a Liberdade, agonizando em convulsões strychnicas ou para os lares onde não ha pão. Nem um grito ao menos que destoasse, a um impulso de patriotismo, do concerto da vivarada de encomenda!

Nada que em parte os absolvesse; que o crime contra a camaradagem com os seus attenuasse.

Tudo o que fizeram, desde os applausos á policia até á triste *jornada* do Porto; desde a guerra de insidias que nos moveram, até ás calumnias com que nos cubriram; desde a sua comprehensão da fraternidade academica, que motivou o protesto contra os estudantes do Porto, subscripto por tanto ingenuo, até ás furias de

acampamento nas escadas de governo civil — tudo só uma coisa mostra: falta absoluta de pundonor.

Tudo isso, que começarei a analysar no proximo fasciculo da *Azagaia*, subordinando-o ao plano d'uma serie d'artigos, tudo, pela palavra tudo, apenas indica que o impudor vae tendo na Academia de Coimbra a sua hora de triumpho.



Alguem disse que quem quizer de futuro representar este Portugal muribundo o deverá fazer mostrando-o sob a forma d'um velho anemico e fraco, no meio d'uma praça, coberto de farrapos e tresloucado, a declamar a toada plangente de velhas glorias para sempre extinctas, do antigo orgulho para sempre escouceado. E em volta as nações da Europa, dirigindo-lhe insultos, cobrindo-o de vaias.

Talvez. Só será preciso apresental-o perfeitamente; impudentemente nú.

Esses estudantes monarchicos que pela posição, pela illustração, pela idade juvenil em que os grandes enthusiasmos refervem, pela soberba tradição da collectividade a que pertencem, por tudo, mais obrigação tinham de ser legitimos representantes da dignidade patria, indecorosamente lhe cortaram os ultimos sentimentos de pejo arrancando-lhes os farrapos que na Historia poderiam ainda dar uma parcella de vergonha ao seu corpo alquebrado e inutil.

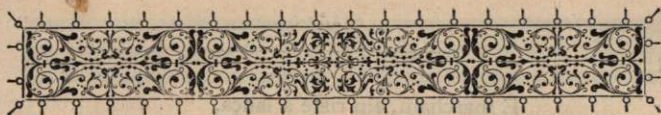
E que a praça seja substituda por uma viella...



Palavra d'honra que isto infunde tristeza.

Mas, por mais doloroso que nos seja, é preciso que nós, a quem elles não duvidaram mover uma guerra desleal, os arrastemos para aqui, trucidando-os e dando-lhes uma morte d'escarneo!

Isso faremos.



A HYDRA NO GYMNASIO

Anda a *hydra* a preparar-se
P'rá *coisa* que se approxima ;
Resolveu matricular-se
Em gymnastica, em esgrima.

Sabendo d'isto o Ferrão
Pisca o olho ao bom Narciso
E diz-lhe com decisão :
«Meu velho, ávante, é preciso

«Infligir uma derrota
A um club incendiario,
Onde a *hydra* força arrotta
Sem respeito ao commissario !

«Chame lá o 87,
Não falte o 69,
Mais uns quinze ou dezeseite,
Tudo hoje se remove!»

.....
.....
E' noite, noite sombria,
Só, naquella escuridão,
O brilho nos allumia
Dos peitilhos do Ferrão !

Os elementos hostís,
Longe o trovão ribombava...
Era o Ferrão que limpava
Os armazens do nariz !

E marcham, em riste a lança,
Para deitar o gatásio
A' *hydra* que se balança
Nos trapezios do gymnasio.

Sobe a bufar! Nalma abriga
Instinctos feros, sinistros,
Parece ter na barriga
O rei, a côrte, os ministros!

Mas, destino endiabrado,
Coincendencia infernal!
A *hydra* tinha acabado
De dar um salto mortal!

E, vendo-a assim tão valente,
Tão musculosa p'rá lucta,
Cae por terra, reverente,
Adorando a *força bruta!*

Oh! céus! tudo então descamba
Na mais fremente ovação...
— A *hydra* mais o Ferrão
Dançavam na corda bamba!

FRANCO.





Augusto Barreto

Vae em seguida uma carta que recebemos d'este nosso querido amigo.

Publicando-a abrimos uma excepção. Era nosso dever fazel-o.

Emquanto estudante, fomos seus companheiros nas luctas academicas: hoje desde que este nosso camarada vem á imprensa castigar os covardes que o calumniaram, o seu logar é a nosso lado.

A mesma solidariedade nos une e o inimigo é commum.

Meus amigos:

Chegou hontem ao meu conhecimento uma calumnia torpe, que ahi corre, forjada por algum sacripanta, que pretende macular-me o character.

Diz ella que eu me vendi aos regeneradores a troco d'uma collocação qualquer.

A infamia, como é natural, esconde-se atraz do anonymo; e pode sem receio affirmar-se que ninguem apparecerá a perfilhal-a.

E' tão baixo o procedimento do biltre, que me escazeiam os termos para o qualificar com justeza e precisão.

Mas talvez que a *consciencia* d'elle o absolva. Que Diabo! os fins justificam os meios — e será talvez preciso conseguir dois fins: satisfazer uma vingança miseravel — unica que a sua coragem lhe permittia — e lançar o descredito sobre os republicanos. Porque, como os acontecimentos dos ultimos dois annos tem alheiado á monarchia a grande maioria da classe academica — maioria composta de todos aquelles que, não sendo completamente destituidos de intelligencia, têm uma alma cheia de honestidade, um coração forte cheio de enthusiasmo e um character bastante independente para se negarem a imposições de ninguem, nem mesmo de familia — necessario se lhes torna a elles, monarchistas, convencer os de boa fé e os estupidos de que os mais entusiastas e sinceros republicanos, quando estudantes, deixam de o ser apenas a vida pratica lhes indica fria e positivamente que é sensato e prudente acolherem-se á sombra da bandeira monarchica.

Precisam de fazer crer ao paiz que as manifestações, accentuada e energicamente republicanas, da academia, não tem valor nenhum, pois não passam de expansões proprias da idade, fogachos que se apagam logo que se rasga a capa e batina.

Para isto serve a calunnia. E, quem não tem outras armas, e desconhece o que sejam escrupulos e não sabe o que é dignidade, lança mão d'ella sem hesitação sempre que lhe convém.

Quem terá sido o bruto que agora vomitou esta sobre mim e que covarde e prudentemente se embrulha na capa do anonymo?

Nesse meio de Coimbra ha muito quem tenha de sobra a abjecção e canalhismo precisos para o fazer; e não faltará tambem quem tenha vontade, porque isto, que agora aqui escrevo d'elles, dos sarrafações manipuladores da calunnia soez, é apenas a repetição da parte do que em voz bem alta ahi lhes atirei ás faces mais que uma vez.

Custava-lhes a engulir, mas enguliam e calavam-se.

agora ladram-me aos calcanhares tentando morder-me pelas costas.

Pois deixal-os ladrar! Ouço-lhes os latidos, mas não lhes vejo os lombos, porque têm o cuidado de se conservar occultos e a respeitavel distancia para não serem corridos a pontapé.

Perante vós, meus bons amigos, escusado é dar explicações: sabeis o muito amor que eu tenho á minha independencia e o profundo respeito e entranhado culto, que professo pela lisura e integridade de character.

Portanto, como cada um dá o que tem deixemos escoucear as bestas.

Vosso correligionario sincero
e amigo dedicado

AUGUSTO BARRETO.



PADRE FARINHA — O Abel d'Andrade entre parenthesis.
NAVARRINHO — Um assobio de 10 réis.



RÓS E ELLES

Não é sem um fundo de pezar, pezar amargo que me entristece, ao mesmo tempo que me enche d'odio, que venho, com toda a força da minha indignação, zurzir os que sempre tinha acatado como companheiros, que julgava leaes, e respeitado nas suas convicções.

Hoje, porém, calcando aos pés essa camaradagem que elles quebraram vergonhosamente, traioeiramente, de mãos dadas com a policia, calumniando, descendo ás ultimas baixezas, numa dependência d'automatos movidos pela astucia de qualquer governador civil que os compra com feriados, assiste-me o direito de, cabeça levantada, chicoteando-os desapiedadamente, com altivez e dignidade, lançar-lhes em rosto as calumnias com que tentaram manchar-nos, e as suas traições infames, que nunca deviam partir de rapazes, nossos companheiros, a quem sempre tratámos lealmente e que tinham obrigação de ser puros e generosos.

Não o quizeram assim.

A' sombra dos sabres da policia que não dorme, tal é a ancia pelas nossas costellas, apoiando as arbitrariedades balôfas d'um commissario que os espanca *por engano*, preparando conluios com o governador civil que lhes dá alguns feriados a troco d'assignaturas para uma mensagem congratulatoria, deixando-se levar arrebanhados, numa inconsciencia indigna, sem honra sem pundonor, insultando a Academia do Porto que todos

saudavam pela sua attitude correcta de solidariedade para com um companheiro preso e outros emigrados, elles, que deviam ser altivos na independencia das almas novas, não puzeram duvida em passar por cima do sangue dos companheiros, para levar ávante a sua suprema abjeccção: agradar ao governador civil, vendendo-se por uns feriados!

Porque a verdade é esta: não era um ideal que os impellia, não era a força das suas convicções. Era, para uns, a prespectiva de tres ou quatro dias de cabula, longe dos mestres e das sebatas; para outros, a passeata com abatimento de cincoenta por cento e um bocado de figura no Porto, de capa e batina.

Era isto o que elles queriam, foi por isto que se venderam.

E assim, quebrando os laços de fraternidade que nos uniam, começaram de guerrear-nos na sombra, com toda a força da sua indignidade, por processos baixos e repellentes, não tendo a coragem de vir frente a frente degladiar-se comnosco, mostrando assim honradez e lealdade.

Não vieram. Temiam a derrota.

Elles bem sabiam que do nosso lado estavam os sinceros.

Elles bem sabiam que lhes diriamos verdades amargas.

Tiveram medo.

Conscios de que moralmente tinham uma força inferior á nossa, fizeram como todos os covardes: fugiram, atacando-nos depois pelas costas.

E com um risinho a despontar nos labios, apparentando *d'espíritos superiores*, tentam ainda, cynicamente, illudir a opinião publica, desvirtuando o nosso modo de proceder.

Desgraçados!

Mas quem tiver o senso e dignidade necessarias para poder examinar todos os nossos actos, desde 11 de janeiro de 90, ha-de fatalmente concordar, e com

orgulho o digo, que temos sido sempre correctos na nossa attitude, adversários leaes, embora combatendo intransigentemente.

Temos portanto o direito, o direito que nos é concedido pela nossa dignidade e altivez, de zurzir, que menos não merecem, aquelles que, tendo obrigação de ser independentes porque tem um sangue novo a correr-lhes nas veias, de ser honrados e generosos, praticam baixezas, atraçoando compaheiros, ás ordens do primeiro que os compra.

Desgraçados! . . .

Mas, fiquem sabendo, nem as traições á nossa vida, nem a espionagem com que nos cercam pelo mando d'um commissario que se vangloria do seu servilismo, jámais nos farão recuar um passo que seja, no caminho que vamos seguindo.

Marcharemos sempre de cabeça levantada, firmes no nosso posto!

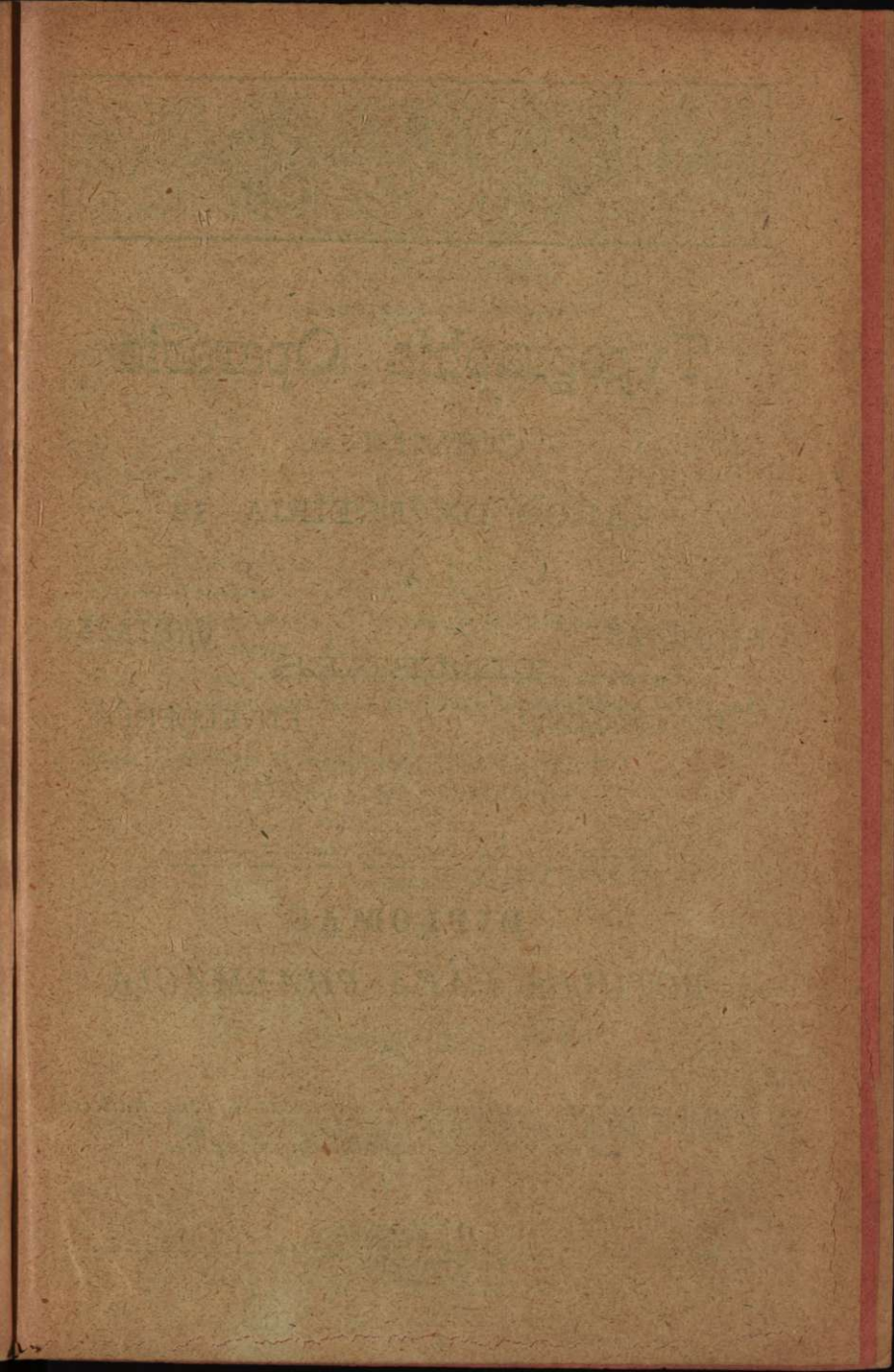
E, se não é verdade o que lhes affirmo provem-no.

E se ainda lhes restam uns longes de brio e dignidade, defendam-se.

FERNANDO DE SOUSA.



PADRE ANTUNES — Todo, todo do sr. D. Miguel. Excepto a barriga que é do sr. D. Carlos. . . . A barriga é que deu os vivas na estação!





Typographia Operaria

COIMBRA

LARGO DA FREIRIA, 14

FACTURAS

CARTAZES

TIMBRES

PROGRAMMAS

ENVELOPPES

BILHETES DE VISITA

Typos dos mais modernos

DIPLOMAS

ROTULOS PARA PHARMACIA

*Tem magnificas machinas de impressao e bom material
Executa-se todo o trabalho typographico*



AZAGAIA

2.º Fasciculo



COIMBRA — JANEIRO — 1892

SUMMARIO :

Hão de sair . . . — Silvestre Falcão.

Boas vindas — Fernando de Sousa.

O Massacre — II — Antonio José d'Almeida.

Per se ipsum — Karl.

Aos collegas da «Azagaia» — João de Menezes.

As convicções dos jovens realistas — Fernando de Sousa.

Um pedaço d' historia — Silvestre Falcão.

Preço 50 réis

Dirigir toda a correspondencia para Coimbra, Arcos do Jardim, 27

ALPHA





HÃO DE SAIR...

Eis-nos em campo pela segunda vez, e até agora nenhum adversario se nos apresentou na frente.

Creio, porém, que não é tarde ainda. Aquelles que combatemos hão de apparecer, tenho a certeza, hão de descer a terreiro e travar connosco a lucta a que os provocámos.

Sobre este ponto discordo radicalmente d'um dos meus collegas que disse que a *Azagaia* ficaria sem resposta. Não, o que ha de ser verdadeiro é um boato que pouco antes de ferias circulou nas fileiras academicas. Dizia-se que os estudantes monarchistas iam fazer publicar um jornal contra nós.

Desejo intimamente que assim seja, e assim ha de ser, é minha convicção.

Ha entre o grupo monarchico que nos é contrario rapazes cujos animos lhes não soffrem o darem-se por vencidos sem que na lucta tenham empenhado o ultimo esforço. Conheço alguns que jámais voltarão as costas ao inimigo, sem que primeiro o tenham defrontado corajosamente, combatendo peito a peito com toda a energia da sua potente musculatura.

E de mais, elles são todos novos, estão numa idade que é incompativel com a covardia. Aos 20 annos não se foga quando se nos lança ás faces um desafio.

Entre esses rapazes alguns ha que possuem, em quanto a mim, um incontestavel valor. Uns provaram-no ha muito nos bancos da escola que tão brilhantemente cursam; outros já experimentados nos torneios da imprensa periodica vão, quer nas columnas das *Novidades*, quer nas do *Districto de Castello Branco*, firmando cada vez mais solidamente as suas individualidades litterarias.

Entre esses rapazes se encontram tambem os legitimos representantes, os descendentes em linha recta, d'algumas das nossas mais puras glorias da antiguidade. Nas veias lhe circula ainda alguma coisa do velho sangue da nobreza lusitana—essa nobreza a cujo ferreo embate debandavam as phalanges inimigas, e a cuja voz curvavam a cabeça os proprios reis.—Sim, elles têm ainda nas veias o sangue que irrigava os peitos validos d'essa pleiada d'heroes cuja espada jámais lhes consentiu o capitular sem lucha.

Não é possivel que só tenham herdado dos seus antepassados essa especie de *misonéismo* politico que os traz agarrados á carcassa da monarchia como ostras ao fundo d'um casco esboracado. Hão de ter herdado mais alguma coisa que isso, hão de ter herdado um pouco d'essa energia antiga, peculiar aos portuguezes d'outras eras—esse vigor inquebrantavel e tenaz que fazia com que a lucha fosse o seu elemento e a guerra a sua diversão mais querida.

É por toda esta serie de considerações que não creio que a *Azagaia* fique sem resposta e estou convencido de que dentro em pouco os nossos adversarios se apresentarão na liça, tomando logar na nossa frente, dispostos a levantar a luva que lhes lançamos; resvoldos a não se dar por vencidos sem que haja numerosos feridos no campo—Capitular?... sómente quando as forças lhes abandonarem de todo o braço desfallecido.

E isto que espero e creio me não mentirá es'a esperança. Bem triste seria o contrario. Bem triste seria ver um grupo de rapazes cahir vergonhosamente do lisongeiro conceito em que hoje geralmente são tidos; bem triste seria ver muitos tornar-se indignos dos antepassados de que tão orgulhosos se mostram apenas se manifestam como degenerados productos d'uma raça outr'ora altiva e forte.

É claro que preferimos, tendo de combater, encontrar na frente homens que se defendam, a defrontar com espantalhos que nenhuma resistencia oppõem aos nossos golpes. Seria desprezível a victoria obtida sobre tal gente. Quando lhes vibrámos o primeiro golpe nunca julgámos cahir sobre cadáveres. Se tal suspeitassemos não teríamos rompido o silencio.

Não é comtudo esta a principal razão que nos leva a desejar ardentemente ver diante de nós, apontando-nos ao peito, a penna d'um adversario.

Ha outra mais forte ainda. É que, apesar de tudo, elles são nossos collegas e peza-nos ver aquelles que a nosso lado frequentam a mesma escola debandar vergonhosamente sem ao menos tentar resistencia.

Desejamos vencer mas sem opprobrio para os vencidos. Bastante nos pezou vê-os praticar as deslealdades de que os accusámos na ultima assembleia academica; bastante nos pezou vê-os transformar em especulação infame, propalando-o aos quatro ventos, um acto que, passado em silencio, teria sido nobre e generoso. ¹

¹ Refiro-me aqui ao facto de a commissão monarchica que foi cumprimentar o rei ao Porto pedir ao sr. Fernando de Magalhães que não castigasse os estudantes militares que se achavam no grupo que a apouou: foi isto um acto incontestavelmente generoso. No dia seguinte, porém, é a mesma commissão que vem a publico numa das folhas da capital do norte relatar o facto para que nenhum espirito podesse pôr em duvida a nobreza dos seus corações juvenis.

Bastante nos pezeria vêl-os ser covardes como foram desleaes.

Mas tal não acontecerá. Poderia dizer-se que, sem coragem para se nos oppôr, vão esconder-se atraz do Ferrão a cuja apoucada intelligencia e a cujo braço musculoso—armado dos 90 sabres da policia—confiaram a sua defeza. Poderia dizer-se que as prisões dos republicanos são uma consequencia do apparecimento da *Azagaia* e representam um desforço.

Augusto Barreto e Fernando de Sousa foram talvez os que com mais violencia romperam fogo das nossas fileiras.

1 de Janeiro de 1892

SILVESTRE FALCÃO.



MARGARIDE — Ama secca do principe real.
ANTONINO VAZ DE MACEDO, SIMÃO PESSOA E PADRE ANTUNES
— As chocas do curro monarchico.



BOAS VINDAS

Nedios e roliços, bem comidos, vos vi chegar de longes terras, esperanças da patria de Bernardes.

Pondo a azagaia hervada longe das endurecidas carnes vossas, eu vos saúdo pela entrada d'este e que elle vos traga mil prosperidades á medida dos vossos desejos.

Eu bem sei que os ares patrios vos deram força e coragem e que nas malas de lona branca com reguas finas de madeira e preguinhos amarellos, entre as ceroulas e camisas do uso domestico, trazeis as bombas da indignação para arrazar os republicanos ousados que se atreveram a desafiar-vos, empunhando uma arma de selvagens.

Eu bem sei que nas longas noites d'inverno, depois da ceia succulenta, fartos e bem dispostos, vestido o casacão confortador, a phantasia voejando superiormente, começasteis de dispôr os linguados de branco papel almaço e num vehemente estylo á Hugo lavrasteis a nossa sentença de morte.

Eu bem sei que vindes dispostos a repellir o ataque, offerecendo o escudo impenetravel das imaginações em flôr á ponta das nossas azagaias que se embotarão.

Eu bem sei que vou pôr em risco a minha vida numa lucta encarniçada em que vós sois o inimigo.

Mas consenti que por um momento arvôre a bandeira branca, signal de paz, e que, emmissario da phalange inimiga, vá parlamentar comvosco.

Começo por declarar que não levo a mal que sejaes defensores da monarchia representativa constitucional, instituição que actualmente nos rege, como julgo que sabeis.

E' uma questão de ideal, de convicção e portanto tendes o direito de a defender.

E menos não era d'esperar das vossas almas generosas, verdadeiros portuguezes, descendentes d'heroes que derramaram o seu sangue pela Patria e pelo Rei.

Declaro-vos tambem que me enthusiasma até á adoração, a firmeza das vossas convicções, e a abnegação de que sois capazes, pegando em armas para suffocar a minima tentativa de revolta contra o vosso Rei e Senhor.

Impelle-vos o dever: continuar as tradições gloriosas dos antepassados, honrando-lhes a memoria.

Ainda mais vos declaro: que, filho da plebe obscura e vil, me honro muito e muito com a vossa condescendencia, de dignar-vos lançar os olhos sobre este vosso humilde vassallo e servo.

Assentes estas declarações que julgo necessarias, tenho a ousadia de vos pedir um pouco de attenção. Ouvi-me pois:

No anno passado que ha poucos dias baixou á campã fria, o velho Portugal punha em vós os olhos lacrimosos como o naufrago sem forças, no mar alto, que vê approximar-se um pharol — uma esperança...

Os inimigos da Patria, jacobinos ferozes, tentavam arrastal-a para a miseria, para a vergonha, para a morte...

Devido á vossa boa fé, á vossa sinceridade, á intransigencia das vossas convicções, á lealdade com que combatieis, esses jacobinos, perdida a força moral, conhecidos os seus processos, tiveram que recuar até fugirem derrotados.

Gladiadores incansaveis, conservaste-vos sempre na brecha luctando desapiedadamente até vencer.

Foi uma lucta d'heroes!...

E heroes sois!...

Se as vossas phalanges eram desimadas; como que por encanto, phantasticamente, appareciam logo unidas, cerradas, como se nada tivesse acontecido.

Era a policia, era a legião dos cantoneiros, eram as philarmonicas, era o corpo de bombeiros de salvação publica que se lhes iam juntar unindo-as, cerrando-as!...

E todos guiados pelo mesmo ideal e com a mesma firmeza de convicções!...

E todos lá foram diante das magestades: policias, cantoneiros, estudantes, philarmonicas, bombeiros, mostrar-lhes as cicatrizes gloriosas da lucta de que saham vencedores!...

Que bella epopeia!...

Que de louros para a historia patria!...

Entrou o novo anno.

E' necessario que conserveis firme e na mesma tensão o vosso modo de proceder.

Neste anno, segundo se diz, o vosso Rei virá a Coimbra, talvez agradecer os sacrificios que por elle tendes feito.

E' necessario atapetar-lhe o caminho de brancos arminhos fláidos, não vão as reaes plantas ferir-se na ponta d'alguma azagaia.

E' necessario conservar unidas, cerradas, as fileiras victoriosas.

A policia de sentinella, prompta á primeira voz; os cantoneiros bem fardados e vistosos; as philarmonicas tocando na perfeição o hymno da carta; os bombeiros de machados afiados e a cadeia prompta a receber as feras selvagens, á ordem do Ferrão, epico, sublime, em posição d'estatua num capitel de sabres desembaihados!...

E' isto o que deveis fazer e é isto o que eu espero que façaes palavra d'honra.

Que o novo anno vos corra á medida dos vossos desejos.

Agora retiro-me, arreando a bandeira branca e d'azagaia apontada, preparo-me para o ataque.

Isto se o Ferrão não vir aqui nova provocação e me não conservar incommunicavel por toda a vida.

Coimbra, janeiro de 92.

FERNANDO DE SOUSA.



BILHETE-POSTAL

Karl amigo e companheiro,
Falta aqui a inspiração
Dos peitinhos do Ferrão :
— Fica o artigo no tinteiro.

Na terra do mexilhão
Soube hontem pelo *Janeiro*
Que estavas prisioneiro
Por namorar o Ferrão !

Ferrão — *Sic itur ad astra!*
A fama o paiz alastra
D'estas heroicas açções !

E, creio, não te molestas,
Se em logar de boas-festas,
Eu te der: — *boas-prisões!*

Aveiro 91.

FRANCO.



O massacre

II

A tarefa é grande e, apesar da boa vontade ser muita, forçoso se torna seguir por partes.

É difficil em pouco espaço dar uma ideia nitida e frizante do abaixamento moral e da incapacidade mental a que desceu essa gente. Mas, por alto pelo menos, é preciso dizer o que ella tem sido; e assim se verá que a ultima baixeza praticada mais não é do que a consequencia fatal dos seus antecedentes politicos.

Antigamente havia o Alte que os commandava. Operavam unidos, em massa, porque o chefe conhecedor a fundo do exercito que dirigia, tinha um magnifico meio para os conservar na fórma — mandava-os. Elles obedeciam cegamente. Pouco intelligentes, não viam por si o caminho a seguir e deixavam-se levar pela mão do seu chefe. Com pouca dignidade, não se incomodavam em representar um papel inconsciente, com a mira nalguma vingança a tirar, ou nalgum interesse a auferir. Moralmente, o Alte era a sua synthese: quem dizia Alte dizia academicos monarchicos com todo o seu cynismo e com toda a sua falta de escrupulos. Ainda assim, intellectualmente, o Alte era bem maior do que o maior d'entre elles, e, apesar da ignorancia que lhe

era quasi lendaria, estava a proposito nas funcções de capitão do bando.

Não foi escolhido, nem eleito, nem indicado, nem imposto. Impoz-se-lhes elle, mettendo-os numa disciplina de ferro, e domando-os á força. D'ahi o seu prestigio e a sua auctoridade.

Respirando durante largos annos a athmosphera do paço, conhecia, tanto quanto os seus dotes de observador o permittiam, todos os processos de corrupção, todos os mysterios de *chantage*, a cotação de muitas consciencias, e o preço por que em Portugal se tem comprado a rebellião de muitos espiritos. Homem facil, sem meticulosidades, se as circumstancias o favorecessem, não era capaz de trepidar pondo em execução qualquer d'aquelles meios, considerados de triumpho e victoria na politica constitucional.

Em Coimbra, todavia, não poz em pratica nenhum d'esses processos. Porque não foi preciso. . . Conseguiu o que desejava com mais economia e, confesse-se, com mais decencia! Reuniu-os e dominou-os; constitui-os em grupo e deu-lhes ordens — descompondo-os ás vezes para os *animar* e chasqueando d'elles a miudo para os *interessar*.

Mas não se julgue que lhes ordenava o seu «querer» com delicadeza, com attentões, com urbanidade, com os classicos modos da hypocrisia *que colhe*. Não. Mandava nelles como um sargento brutamontes manda num punhado de galuchos, dando-lhes encontrões e dirigindo-lhes gallegadas. E depois, ouvi contar, chamava-lhes brutos por desfastio. . . E elles, verdade seja dita, obedeciam sempre; o unico signal de revolta que deram, já no fim, quando o Alte estava a abandonar Coimbra, foi, á sucapa, muito a medo, chamarem-lhe Bismark!!

Assim respeitado, assim temido, triumphante, o dictador, apezar da intelligencia vulgarissima, por aquelle velho principio de que na terra dos cegos quem tem um olho é rei, conseguiu dar unidade e consistencia a esse bando incoherente de mentecaptos. D'ahi resul-

taram umas apparencias de valor e significação para a campanha que fizeram, e cujo alcance, nullo e sem peso, apenas conheciam os que de perto lhes feriam combate.

Sempre vencidos conservavam ainda assim um certo brió na derrota, porque o Alte sereno e audaz conseguia, com o seu pulso de despota, concentrar a galuchada, após cada desastre, nos laços da sua disciplina.

Durante muito tempo elles foram o Alte. E o Alte foi elles. Os defeitos de um eram as más qualidades dos outros. A falta do pudor de uns resaltava nos actos do outro com o mais estanhado despalante.

Se elle cá estivesse ainda, muito desgosto lhes teria poupado, muita figura triste lhes teria attenuado, e — quem sabe? — até talvez muita infamia lhes tivesse prohibido.

Sob o seu commando foram muitas vezes ridiculos, inconvenientes, patetas, pedantes e maus.

Porém, nunca foram obscenos. Essa nodoa não cahiu sobre o Alte...



Anno lectivo de 1890 a 1891.

O Alte tinha sahido. Indisciplinados, desorganizados, sem um estandarte que os concentrasse, sem um general que lhes dêsse unidade, amedrontados, recolheram-se como corvos ás concavidades da sua sebenta. Cobardes, sem coragem para uma refrega decisiva e franca, esperavam o momento de ferir pelas costas.

Nunca me enganaram. Sempre tomei o silencio de poltrão em que se abysmaram á conta d'um longo periodo em que se estava fazendo a gestação de outras intrigas, de novas infamias. O bando de rãs estendido ao longo do seu pantano preparava-se apenas para de novo se agitar na lama por onde um momento se quedára. Esmagados haviam reerguer-se. Acontecia-lhes

como aos sapos : amassados e premidos pelo pé altivo de quem rasgadamente avançava, era preciso tempo para readquirirem a normalidade de volume das suas visceras e do seu coiro.

Massa inconsciente, feita de todas as villanias, á mistura com todas as podridões, ao mais leve impulso rolaria pelo primeiro declive que lhe apparecesse.

Assim foi !
 Que desgraçados !
 Que miseraveis !

Afasditados, apandilhados, sem talento, sem hombridade, sem coragem acabam de se revellar um insulto para a especie humana. Incapazes d'uma lucta pela astucia, pela tenacidade ou pela audacia, pingos de toda a sugidade d'uma raça, habitantes d'um charco, desnorteados na luz, fizeram da sua propaganda, da sua actividade politica um alcoice — sem cortinas que o vedem, sem medicos que o fiscalisem, sem mercurio que lhe combata os estragos. O seu arsenal conta todas as armas mesquinhas que nas succursaes d'Alfama se costumam vibrar: a intriga a calumnia, a deslealdade, a mentira, a insinuação — tudo o que é reles e degradante

Sempre fomos leaes para com elles. Elles, pelo contrario, sempre se mostraram um cumulo de perfidia para connosco. Se fossem outros, isto deveria custar a ouvir; tambem se fosse a outrem isto se não diria. Mas é a verdade. Quando foi do batalhão patriotico para ir combater em Africa enrolámos a nossa bandeira e collocámo-nos fóra de toda a politica subversiva. Quando foi da festa em honra de Azevedo Coutinho entrámos no campo do mais desinteressado e neutro patriotismo. Quando foi da portaria que reduzia a grumete Eduardo de Sousa calámos por um momento os nossos protestos revolucionarios. E de tudo isso tomámos nós a iniciativa; com a nossa boa vontade com o nosso entusiasmo, com

o nosso amor, com todo o interesse da nossa alma o acalentámos e vivificámos.

A paga é o que se vê.

Resta-nos, é verdade, o prazer de os espinhar de os esmagar! mas santo Deus! quanta amargura nesse prazer, que travo immenso nessa vingança!...

E' que custa ver assim estrebuchar no seu periodo agonico a honra d'uma classe. E' que custa ver a antiga, brilhante, quasi legendaria gloria, mastigada entre queixos impudentes e ebrios.

Miseraveis d'elles que nem já se me afiguram gente!

O que fazem, dizem, sentem, pensam, o que elles mostram nos seus actos, nos seus processos, nos seus intentos, já não é a vida ainda que miseranda d'um partido. Não! não! Elles não são já homens: são um montão de cebo inerte e sujo que os dedos do galopim mais infimo podem moldar a seu sabor.

Desnorteados, sem rumo, sem uma ideia que os una, um pensamento que os identifique, dignidade que os impulsione, nem energia que os courace, imbecilizados no seu egoismo, desmoralizados pelo desprezo que votam a tudo que é bom, justo, elevado luminoso, serão dentro de pouco prejudiciaes ás proprias instituições.

Prejudiciaes por um excesso de imbecilidade!!!
Nunca se viu tal...

O' gentes do constitucionalismo! ó amigos da corôa! acudi-lhes depressa. Arranjae-lhes alguém que os domestique, que os guie, que os aproveite, que os use. Depressa. Não tenhaes escrupulos na escolha. Qualquer pessoa serve: é uma questão de pulso e de auctoritarismo. De pulso para os levar á pancada se tanto fôr preciso: de auctoritarismo para os fazer funcçionar como machinas, na franca exhibição da bruta materia.

Depressa acudi a esses muribundos das publicas conveniências. São victimas do onanismo monarchico. Imprevidentes e tontos estão-se devorando a si mesmos.

Acudi-lhes! *Wenceslau* toma-lhes o pulso e receita. *Ferrão* fabrica a tisana e sê-lhes enfermeiro.

Gendarmes, pretorianos, enterrae os joelhos no lodo que é a colcha do seu leito, e a todos os santos resae pedindo-lhes a vida d'esses vossos confrades, d'esses vossos irmãos!



Querem os senhores uma prova evidente, irrefutavel do que valem as convicções d'aquella tropa fandangá?

Reparem:



As instituições passaram na estação de Coimbra.

Lá foram elles, — um cento de sabres a protegel-os, um montão de bayonetas pelo seu lado, tres ou quatro jornaes promptos a zurrar-lhes elogios, a cabra calada a deixal-os folgar. Assim acarinhados fizeram o que a mente humana não podia imaginar: deram vivas, bateram palmas, cahiram em extasis, rolaram pelo chão, beijaram a lama das ruas, fizeram tergeitos, salamaleques, momices, emfim toda a serie de actos e de scenas só praticaveis por aquelles que tem o cerebro enrijado em consistencia de sílex e a columna vertebral encurvada em arco de pipa.

A razão de tal acontecimento? A coròna dava alguns feriados e os mordomos da festança constitucional que rodeavam o orago poderão de futuro permittir o accesso ao gamelão do arranjo.

Ha alguem que julgue ter havido outras razões mais nobres, mais puras? Se ha, tome nota:

D. Pedro d'Alcantara, o ex-imperador do Brazil morreu.

Teve alguma coisa de lugubre e de triste o final da vida d'esse homem que por largo tempo presidiu aos

destinos da Patria brasileira. Baldeado, bem perto já do tumulo, atravez do Atlantico por uma revolução triumphante, immerso num somnambulismo pavoroso, de tudo alheado, de banda para banda, o seu espirito incoherente e vago encerrava permanentemente a imagem pavorosa do soffrimento sem resignação. Os desgostos successivos desde a sua desthronação até á morte da sua mulher envolveram-no e acabrunharam-no, constituindo a corôa funebre da sua velhice, que sempre e inexoravelmente lhe pesou com uma tristeza mortal.

São assim as revoluções, mesmo aquellas que como a do Brazil peccam por tolerantes e benignas.

As ideias para se alimentarem precisam de lagrimas e de sangue. E a derrota que os povos vão seguindo em demanda do porto ideal, sempre resplandecente e sempre chimerico, só é praticavel e bella quando cada-veres a juncam, quando os padrões que deixam assignalada a marcha da phalange que avança são montes de corpos inertes! E se a revolução do Brazil tão util e logica merece os applausos de toda a gente de senso é certo que esse velho, que ha dias deixou de viver, se era credor do respeito de todos, pela sua posição de vencido, mais do que ninguem tinha direito ás homenagens d'aquelles que se dizem defensores do principio que representou.

Diante do imperador não me curvava nem tirava o meu chapéu. Mas para o vencido da Revolução, para esse velho de cabeça branca, a minha alma teve sempre prompta a mesma respeitosa consideração que a minha penna humilde mais d'uma vez tem reclamado, aos monarchicos portuguezes, para aquelles, que, victimas do «31 de Janeiro», agonisam no fundo dos carceres, ou, pedaços da propria Patria, andam esparsos pela terra do degredo e do exilio.

Assim penso eu! — eu que sou apologista das revoluções sanguinolentas que tudo abalam, que tudo despedaçam, que tudo fazem estremecer, até ao proprio coração da terra! Eu que só acho conveniente para um ideia

redemptora fructificar todo o campo d'uma Patria alagado em sangue, após uma lucta persistente e tenaz, salpicada de convulsões e de spasmos, cheia de furores indomaveis e de demencias afflictas.

E elles, ah! elles, que naturalmente me chamam bandido e facinora, não tiveram nos olhos esgaseados pela febre do interesse uma unica lagrima para verter sobre a campa do pobre vencido. Nem os seus labios uma palavra para lhe honrar a memoria... A elle, que foi afinal (sinceramente o penso), apesar dos seus erros, um dos representantes coroados do principio monarchico menos prejudiciaes, e menos intoleraveis.

Ah! é que D. Pedro d'Alcantara não deu nem podia dar feriados. E' que D. Pedro d'Alcantara, ainda que vivo fosse, não podia atirar á guella d'essa turba uma codêa — resto dos seus festins.

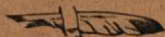
Que miseria!

Que miseria e que ridiculo!

Leitor imparcial! leitor justo! monarchico, republicano ou socialista, ó leitor sincero e honrado que lês estas linhas, dize-me sem complacencias e sem irritações quem é digno, honesto, pondonoroso: nós que combatemos sem transigencias, mas lealmente, com odios, mas sem traições; ou elles, esses tinhosos espeques da corôa, desengonçados truões da babuzeira humana, que nem sabem amar, nem odiar, sem dedicação e sem dignidade?

Continuarei.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.





PER SE IPSUM...

Ha dois dias que não via
O meu amigo Ferrão.
Tinha perdido a alegria,
Tinha morto o coração.

Coimbra andava pacata;
Nas ruas feias e tôscas,
Burguezes passeando á pata...
E as esquadras ás moscas.

Um deserto extraordinario!...
Que é feito do commissario?

Cheio de raiva divina,
Accêso em raiva tritonea,
Iria intimar a China?
Dispersar a Patagonia?

Joven Lilio abandonado
Pelos butes de commando,
Terá talvez dispersado?
Ou andarâ dispersando?

Caso horrendo extraordinario!...
Que é feito do commissario?...

Então na sombra, uma voz
Pelas grades da cadeia,
Forte, sonora, feroz,
Entoou esta epopeia:

— «Ferrão costuma cortar
O bigode á escovinha.

Fica-lhe mesmo a matar
A barba assim meudinha.

— «Porque o Ferrão é janota
Da cartola até á bota...

— «Um dia d'estes Ferrão
Do espelho em frente sentado,
Longa thezoura na mão,
Desponta o bigode amado.

— «E enquanto vae aparando
A barba, sem alvoroço,
Alegremente cantando,
Acha-se lindo e mais moço.

— «Porque o Ferrão é janota
Da cartola até á bota...

— «Vae senão quando a thezoura,
Que longos annos já conta,
Arrepela ameaçadora,
Do bigode a melhor ponta.

— «Vendo o bigode estragado
E mordido pela dôr,
Fica Ferrão suffocado
Por ferranêscô furôr.

— «Já Ferrão não é janota
Da cartola até á bota...

— «D'um salto então se levanta,
Deita os peitilhos p'ra fóra,
E, com um furôr que espanta,
Cerra os punhos sem demora.

— «Olha o espelho. Coragem!...
Começa a berrar a esmo;
E julga que a sua imagem
O provocou a si mesmo.

— «E tezo, o olhar em braza,
Incendiado, vermelho,
Alli mesmo, em sua casa,
Avançou para o espelho.

— «E sem auxilio, num pulo
 Agarra do bengalão.
 E perdido e doido e fulo
 O Ferrão prende o Ferrão!»

Calou-se a voz!... Na Sophia
 Ouvi um grito cezareo:
 — Era o Ferrão co'a mania
 De prender o commissario...

KARL.



Carrilhão monarchico:

SIMÃO PESSOA — Sino grande da monarchia.
 ARAGÃO — Badalo do sino grande.
 HUET BACELLAR (*Gonzalo*) — Sineta da monarchia.
 PINHEIRINHO D'ALGUEIRA — Badalo da sineta.



Aos collegas da 'Azagaia'

Meus amigos:

Fundaram vocês a *Azagaia*, para zurzir os realistas de Coimbra, e eu mesmo concordando com as vossas ideias, escrevi no primeiro numero algumas palavras a respeito d'esses patetinhas. Não se admirem porém, se lhes disser agora que entendo ser demasiada condescendencia da nossa parte, ligarmos aos jovens pilares do throno a importancia de uma sova semanal.

Para lhes fallar francamente parece-me um pouco inutil o trabalho de estar discutindo um bando de idiotas ou tristes velhacos, dos quaes o unico mal que nos poderá advir, é a *adhesão*. Porque, todos nos recordamos ainda, a maioria dos recentes pagens da realleza, ahi pelas alturas de 31 de janeiro, *adheriu* ao movimento. Conservo piedosamente na memoria os nomes de alguns que se mostravam jubilosos com a Revolução (antes de a saberem vencida) porque tinham sido sempre republicanos *no fundo*. D'onde eu conclui, que, as consciencias dos malandrins, eram consciencias de *fundo falso*.

Ora conhecendo-os muito bem, calculo quanto valerão como inimigos. Não valem nada. Podem ser mais numerosos do que nós, mas creiam que d'aqui a dois ou tres dias, feitos administradores do concelho uns, consagrados sabios outros que não conseguem ser sa-

grados ministros do Senhor, elles hão de perder-se, como tantas gerações de bachareis em flôr, para a memoria de todos, dormindo o somno das mediocridades que topam alfim com a sonhada cevadeira.

E, torno a dizer, por os conhecer bem, acho uma estopada que me aborrece, ter de fallar nelles.

Nós temos um ideal mais justo, aspirações mais honestas, podemos dizel-o com desassombro, que a maioria dos nossos contemporaneos.

Precisamos de lutar, lutar sempre, sem nunca desfallecer. Mas não devemos ciscumscrever a arena do nosso combate só a Coimbra. E' por isso que em vez de discutirmos o Ferrão, será melhor discutir o Mariano.

E com isto não quero eu dizer que o Mariano valha mais do que o commissario, mas é decerto muito mais damninho com as suas palhaçadas politicas e financeiras, do que o Ferrão com as suas arremettidas acrobaticas e policiaes, de homem-musculo quasi pensante. Decerto vocês concordam que é mais util combater a politica do Lopo que as fosquinhas machiavelicas de qualquer Wenceslau.

E para emprehendermos uma campanha valente contra o poder realista, sobra-nos decerto boa vontade e coragem. Não é preciso muito mais. De bom grado dispensamos o espirito ponderativo de alguns accacios do partido, ou a rethorica do nosso velho mas sempre esperançoso e loiro bacharel Magalhães Lima.

Dada essa orientação de generalisar o combate no nosso jornal, eu não digo que abandonemos de todo as lombrigas carlistas de Coimbra. Acho bem que de vez em quando lhes recordemos a nossa presença. Mas talvez não seja preciso. Pelos modos Ferrão ha de acabar por abandonal-os (o infiel!). Depois resta tirar-lhes os feriados. E d'isso não estão longe, pelo que sei. Segundo me disseram, os vivos estiveram tão mal ensaiados quando suas magestades pararam a segunda vez na estação de Coimbra, que o sr. D. Carlos, apre-

ciador de côros, ao ver que certo theologo adiposo e montanhoso gritava desafinado uns vivas que tinha reservados para D. Miguel, e lembrando-se da corista gorda de S. Carlos, — disse para o succulento sr. Ramalho.

— Oh! Ramalho que lhe parecem os vivas?

— Muito mal, real senhor, muito mal. Depois dos vivas da acclamação, estes foram decerto, a peor manifestação do grunhido nacional. Aquelles pulmões precisam oxigenio fortemente injectado pelo ar dos pinheiros, em manhãs soberbas de luz. Um bello passeio e um almoço frugal mas solido faz-lhes bem. Mas sobretudo o oxigenio.

— Tem razão. O almoço talvez seja demais, oxigenio sim; nem mais um feriado, o que elles precisam é de oxigenio.

Nem mais um feriado, ouviram?

Contentem-se com o oxigenio que não vão mal!

E digam vocês, se depois d'isto, vale a pena apouquentar os infelizes.

Cadeia do Limoeiro, 4 de Dezembro de 1892.

JOÃO DE MENEZES





As convicções dos jovens realistas

Poderá parecer á primeira vista para quem não estiver sufficientemente orientado sobre a nossa vida academica, que a maioria da academia de Coimbra se conserva fiel á monarchia, e que o partido republicano academico não passa d'uma meia duzia de *doidos*, ou *epilepticos*, como os esperançosos mancebos realistas nos chamam.

Poderá parecer ainda que os ditos esperançosos mancebos são convictos e serios nas suas manifestações politicas.

Felizmente, no que diz respeito á primeira parte, e infelizmente emquanto á segunda, nada d'isto acontecé,

Desde 11 de janeiro de 90, até á passagem do rei para o norte, a academia de Coimbra era, na sua grande maioria, republicana. Provam-no as manifestações que então se fizeram nesse sentido, as assembléas geraes em que eram calorosamente applaudidos os oradores que mais derracadamente atacavam as instituições e o rei. Provam-no as saudações que se mandaram aos revoltosos do Porto e a adhesão prestada ao partido republicano do paiz, para que se não pedisse o indulto dos condemnados politicos, que elles proprios regeitavam.

Prova-o ainda o facto de, passado um certo tempo, não apparecer um unico monarchico a defender, nas assembléas geraes, a monarchia violentamente atacada.

Os que hoje se tornam mais salientes como realistas, eram então, ou indifferentes, ou *republicanos no fundo*, mas que se não manifestavam por motivos *muito particulares*, como elles diziam!

E até à passagem do rei para o norte, a monarchia não encontrava na academia de Coimbra, salvo rarissimas excepções, um defensor convicto e serio.



Começou a definir-se claramente a situação de Portugal: a bancarrota eminente, a tutela estrangeira, a perda da nossa autonomia.

E o rei quiz viajar!

Não podia escolher melhor occasião: a nação nadava em dinheiro!

A viagem real não podia ser de modo algum um simples passeio d'um particular, passando desaperebido no meio da turba indifferente. Era preciso um certo barulho, impunham-se as manifestações de gaudio e regosijo. O povo conservar-se-hia senão hostile, pelo menos indifferente.

Portanto era necessario comprar, não importando o preço, essas manifestações que, no entender dos monarchicos, eram novos espeques para as instituições abaladas. No Porto comprou-se tudo, desde o galopim até ao garoto, desde as colchas até aos jornaes.

Gastou-se dinheiro á louca.

Mas o rei não ia exclusivamente ao Porto. Passava por outras cidades, entre as quaes Coimbra, onde tencionava entrar.

E não o fez *não sabemos porquê...*

Ora Coimbra era considerada como um covil de jacobinos ferozes.

Desde muito que não havia ninguem que defendesse a monarchia.

Portanto, não eram tambem provaveis as manifestações espontaneas! Urgia compral-as.

Mas apparecia uma difficuldade: como se pagariam essas manifestações?

A academia não se vendia por dinheiro, era indecoroso de mais.

Matutaram talvez durante dias e numa fulguração radiante appareceu-lhes o feriado! . . .

Começou então a galopinagem desenfreada, á solta; começou a sahir do seu indifferentismo a chusma de monarchicos que dias depois ia á estação, as bocças escancaradas, dizer ao rei que lhe fazia tudo aquillo a troco d'uns dias de cabula!

Ainda assim a manifestação accentuadamente republicana que deu origem a cargas de sabre da policia e que ia acabando d'endoidecer o Ferrão, fel-os passar por novas vergonhas.

Era necessario dar uma satisfação ao rei. Era necessario convencel-o mesmo de que o que elle tinha visto fora um enganõ, uma simples illusão.

Não tinha havido manifestações republicanas. A academia de Coimbra era toda monarchica!

Por isso impozeram-lhe novas condições: se queriam os feriados que fosse uma commissão ao Porto entregar ao rei uma mensagem de felicitação assignada pela academia.

E elles, os monarchicos da ultima hora, desprezando tudo, a solidariedade academica, a sua propria dignidade, pois que eram comprados, lá foram ao Porto curvados, submissos — fazendo das capas, reaes capachos — pedir alguns feriados!



Que hombridade de character, que profundas convicções!

Quando a monarchia era violentamente atacada, quando o rei era insultado como chefe da nação, accusado de nos ter vendido á Inglaterra, não appareceu ninguem a defendel-o, não teve um unico na academia

de Coimbra, verdadeiramente sincero, verdadeiramente convicto, que se pozesse do seu lado e que, pela força d'essa convicção e d'essa sinceridade, o defendesse das accusações que lhe faziam.

Quando a 31 de janeiro o throno vacillou medonhamente e esteve á beira do abysmo, prestes a despeñar-se, talvez sem um braço amigo que o tentasse amparar na queda, não teve tambem na academia de Coimbra o mais pequeno apoio, o minimo brado de sympathia.

A Republica seria glorificada no dia seguinte, delirantemente, entusiastamente, sem um unico protesto.

A revolução daria logar a alguns feriados e aquelles que se conservavam indifferentes a tudo, seriam então revolucionarios.

São estes indifferentes que foram monarchicos quando o rei passou por Coimbra!

São estes indifferentes que alardearam de victos e sinceros.

São ainda estes indifferentes que vão desvirtuar perante o paiz, uma academia que tinha tradições gloriosas e que se conservava independente.

E agora que já roeram o osso que lhes lançaram, embrulhado nuns feriados, voltam ao mesmo indifferentismo, não tendo ao menos um pouco de bom senso, ou de dignidade para se defenderem.

Ou, quem sabe, talvez se convencessem de que era impossivel a defeza.

São estas as convicções dos esperançosos mancebos realistas! E' esta a sua força moral!...

E assim se explica porque elles nos chamam doidos e epilepticos, não tendo a comprehensão do que seja um ideal e a quanto nos pode levar a força d'uma convicção.

Que o sr. governador civil os poupe a novas vergonhas e baixezas...



Um pedaço de historia

Antes d'entrar no anno que vae surgir, lancemos ao que termina um ultimo olhar de despedida. E não é sem tristeza que o fazemos. Apesar de terrivel para nós, não é sem magua que o vemos morrer. Nestes 12 mezes, bastantes horas angustiosas passámos, bastantes esperanças nos caíram no pó da estrada que vamos trilhando.

Está a fazer um anno que nas ruas do Porto se travou uma lucta sangrenta. Deu-se assim o caso:

Na madrugada de 31 de janeiro um troço de soldados marchavam resolutamente para a revolta. O grupo ia crescendo, pouco a pouco a multidão engrossava. De todos os lados as ruas regorgitavam de povo que descia em ondas tumultuosas. A maré ia subindo. E todo este immenso mar de cabeças humanas ondulava fremente prevendo a tempestade. Pelos ares prepassavam revoadas de gritos repetidos por milhares de vozes, vivas prolongados, brados d'enthusiasmo. Os soldados — as barretinas na ponta das armas descarregadas — marchavam serenamente ao som da «Portugueza». Pelas janellas grupos de mulheres appareciam sorrindo, agitando lenços, saudando delirantemente os rebeldes. Por muitas faces corriam lagrimas de commoção. Uma alegria muitas vezes inconsciente enchia todos os corações.

«A patria não morreria, ia ser amparada á beira do abysmo pelo braço musculoso da revolução.»

«A patria não podia sossobrar. Tinha agonisado, sim, mas ia reviver porque tinha ainda filhos que, para a salvarem, iam regar-lhe o solo com o próprio sangue. E esses filhos estavam alli.»

«A patria não morreria, não se consummaria a vergonha emquanto houvesse alli portuguezes».

«A monarchia, que tinha causado a nossa ruina, cessava d'existir».

Assim pensavam os que acabavam de revoltar-se e com elles uma cidade inteira.

Foi então que rompeu a fuzilaria. O povo inerte fugiu espavorido arrastando na corrente numerosos soldados. Os que podêram libertar-se carregaram as armas e responderam ao fogo. Travou-se uma lucta terrível. De parte a parte uma épica valentia. Os vencedores heroicos, os vencidos sublimes. Juraram não se render e muitos houve que, crivados de balas, já prostrados e quasi exangues, continuaram o fogo com o mesmo ardor, até que as forças lhes abandonaram de todo o braço inerte.

Mal aqui chegou a noticia de que o Porto se revoltára, um fremito de sympathia percorreu todos os peitos e nenhuma bocca academica teve, que nos constasse, palavras de censura para os que se batiam pela Republica.

Então que horas angustiosas se passaram, que continuos sobresaltos! As noticias que nos chegavam eram contradictorias. Umavez eram os revoltosos que estavam senhores da cidade e a bandeira republicana tremulava victoriosa no alto dos Clerigos e na fachada da Camara. Outras, eram as tropas fieis que punham em debandada os rebeldes. Dizia-se depois que infantaria 18, adherindo finalmente á revolta tomára o quartel do Carmo e a municipal estava perdida. Estas noticias chegavam umas após outras, quando numa grande anciedade iam aos comboios interrogar os passageiros que chegavam do norte.

Assim se passaram dois dias nesta incerteza afflictiva.

Que seria feito dos estudantes monarchicos? Ninguem d'elles nos dava relação. Nos centros do cavaco onde se commentavam os acontecimentos, ninguem ouviu a sua voz levantar-se contra os que no Porto se esforçavam por derrubar o seu querido monarcha.



Vencidos os insurgentes, vimos alguns dos nossos amigos mais queridos procurar um asylo para além da fronteira, outros enchendo as cadeias do estado á espera da sentença que lhes devia ser lavrada.

Começam a funcionar os Conselhos de Guerra. Os jornaes são procurados com uma grande avidéz. Os depoimentos e os debates lidos com um doloroso interesse.

Apparecem finalmente as sentenças, — uma iniquidade sem igual. . . — A opinião publica levantou-se contra ellas. Contrario lhes foi tambem o parecer d'um ministro da corôa que não duvidou verberal-as publicamente.

Comtudo vão seguindo o seu destino os condemnados politicos. Uns lançados para o interior d'uma cadeia, outros, sobre o convez d'um navio, vão barra fóra, volvendo um ultimo olhar de saudade á patria que se vae perdendo ao longe: e lá vão, — os animos retemperados por uma grande coragem, —lá vão demandando terras africanas.

«Quem sabe quantos d'elles nunca mais pisarão o solo da patria!»

«Quem sabe se voltarão! Pensavam os que os viam partir.

O paiz inteiro sentiu-se então involuntariamente inclinado para os vencidos. E, apesar dos protestos d'infimos calumniadores, habituava-se a consideral-os como martyres.

A academia de Coimbra não foi estranha a esta corrente. Pelo contrario. Desde que se principiou a fallar em amnistia nas altas regiões do estado; desde que o Porto num grande comicio repelliu a affronta que tentavam cuspir sobre os seus filhos; a academia de Coimbra, associando-se ao voto quasi unanime da cidade invicta, declarou bem alto que jámais subscreveria um pedido que se lhe afigurava uma infamia.

Houve então oradores que, no meio dos mais delirantes applausos, fizeram as affirmações mais radicalmente *jacobinas*. Contra o que se disse e se resolveu nem um protesto. Apenas o Pires Soares pedia a dissolução da assemblêa: na sua opinião a academia achava-se em minoria.

Comtudo o Abel d'Andrade, o Simão Pessoa, o Huet, o Antonino, o Navarrinho, o padre Farinha, o padre Antunes, eram estudantes da universidade. Ninguem, porém, logrou ouvir a sua voz auctorizada. O padre Antunes unicamente, rezava missas suffragando a alma do sr. D. Miguel primeiro.

Quasi ao terminar do ultimo anno lectivo, relataram os jornaes um facto que não podiamos deixar ir em silencio. O aspirante a facultativo do ultramar, Eduardo de Sousa, nosso collega, estudante como nós, era obrigado a assentar praça como grumete da Armada Portugueza. A lei era sophismada torpemente para satisfazer uma vingança miseravel. Um homem cujo passado glorioso — um passado de lucta pela liberdade e pela justiça — guindára aos conselhos da corôa, calcava agora aos pés essa liberdade e essa justiça: abusava do poder para satisfazer os seus odios pessoaes.

A Academia Portugueza criára-lhe uma situação embaraçosa quando se offereceu para ir á Africa combater pela integridade da patria. Desde então nunca mais viu com bons olhos essa Academia. Julgou desco-

brir uma intensão malevola na proposta que generosamente lhe fizemos. Estavamos promptos a ir incondicionalmente combater em Africa o inimigo da patria. Eram as nossas vidas que offereciamos ao governo? O ministro, porém, quiz ver aqui unicamente o proposito firme de lhe crear difficuldades e, desde então, nunca mais viu com bons olhos a Academia Portugueza.

Havia no Porto uma folha republicana que com um extraordinario vigor combateu o governo. Muitas vezes aquella prosa ardente, traçada pela mão nervosa de João Chagas, José Sampaio, e Eduardo de Sousa, sentiu-a o ministro escaldar-lhe a consciencia. A justiça das accusações que lhe lançavam em rosto era enorme. Os golpes, que lhe foram vibrados, deram em cheio na immensa vaidade do orgulhoso homem de estado. A raiva fel-o muitas vezes ensanguentar os labios.

Chegou, porém, a hora da vingança. Eduardo de Sousa, condemnado pelos tribunaes de Leixões a dois annos de prisão correccional, era estudante e redactor da *Republica Portugueza*: d'um só golpe uma dupla vingança. Nada mais facil. Ha uma lei que jámais foi applicada. Os especialistas nunca se deram ao trabalho de a interpretar. O meio é este: pegar nessa lei, interpretar-a em harmonia com o fim que se tem em vista, applicando-a em seguida.

A principio hesitou porque se lhe afigurou muito desleal este processo. Pareceu-lhe traiçoeira de mais uma tal vingança. Era ainda a consciencia do antigo jornalista que protestava de longe. Era o espirito recto e justo do antigo defensor das liberdades patrias, que se recusava a sancionar uma vergonha.

Venceu, porém, o rancor do ministro offendido. Eduardo de Sousa foi feito grumete.

A Academia Portugueza levantou-se indignada contra uma tal infamia e, com uma vehemencia, excepcional verberou o torpissimo acto do ministro já então demissionario. Quando em Coimbra nos reunimos para tratar d'esta questão, fizeram-se aos poderes publicos as

accusações mais terríveis e mais justas, deliberando-se por fim levar ao governo d'el-rei uma representação em que com allivez se relatasse o facto, pondo bem evidente a injustiça que elle representava, mas em que nada se pedisse: a Academia Portugueza nada podia pedir ao governo de D. Carlos de Bragança, — fazel-o seria uma indignidade. — Neste momento ninguem protestou nas fileiras monarchicas, ninguem ouviu a voz do sr. Pessoa, do sr. Antonino, do sr. Abel d'Andrade ou do sr. Fariha. Não sei se tambem d'esta vez o Pires Soares declarou que a assembléa estava em minoria.

Fez-se a representação e, de cabeça levantada fomos perante o governo.

Até hoje, que eu saiba, nenhuma resposta foi dada á Academia Portugueza. O ministerio que subia tornava-se solidario com o que deixava o poder.

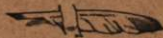
Desde este momento as relações entre a Academia Portugueza e os poderes constituídos estavam quebradas.

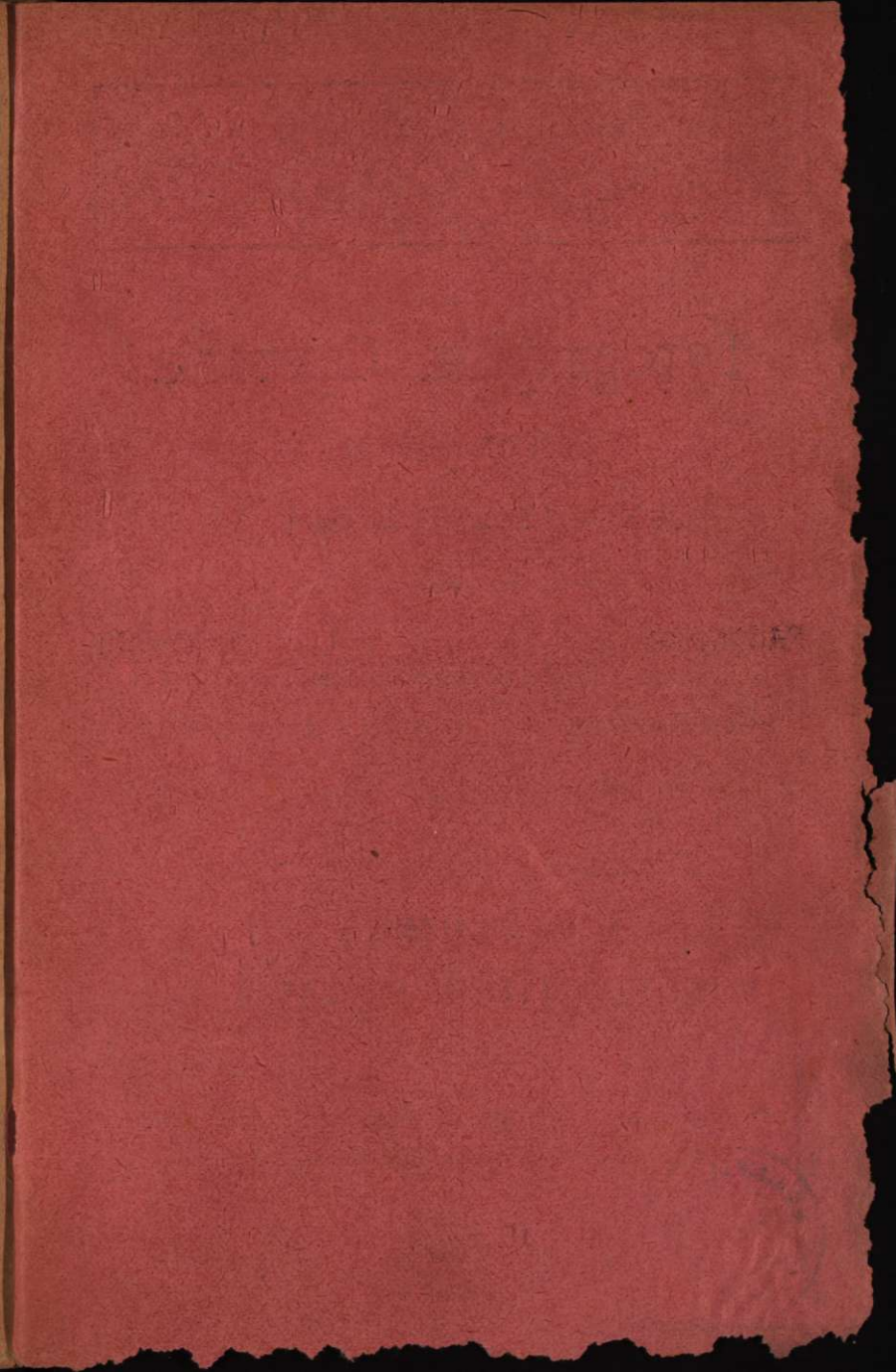
Desde este momento nenhum estudante poderia sem desdouro, ir perante os altos poderes do estado com outro fim que não fosse o de, pela ultima vez, exigir a reparação que nos era devida. Todo aquelle que procedesse de maneira differente, quebraria os laços mais santos de camaradagem academica.

Assim terminou o ultimo anno lectivo.

31 de dezembro de 1891.

SILVESTRE FALCÃO.







Typographia Operaria

COIMBRA

LARGO DA FREIRIA, 14

FACTURAS

CARTAZES

TIMBRES

PROGRAMMAS

ENVELOPPES

BILHETES DE VISITA

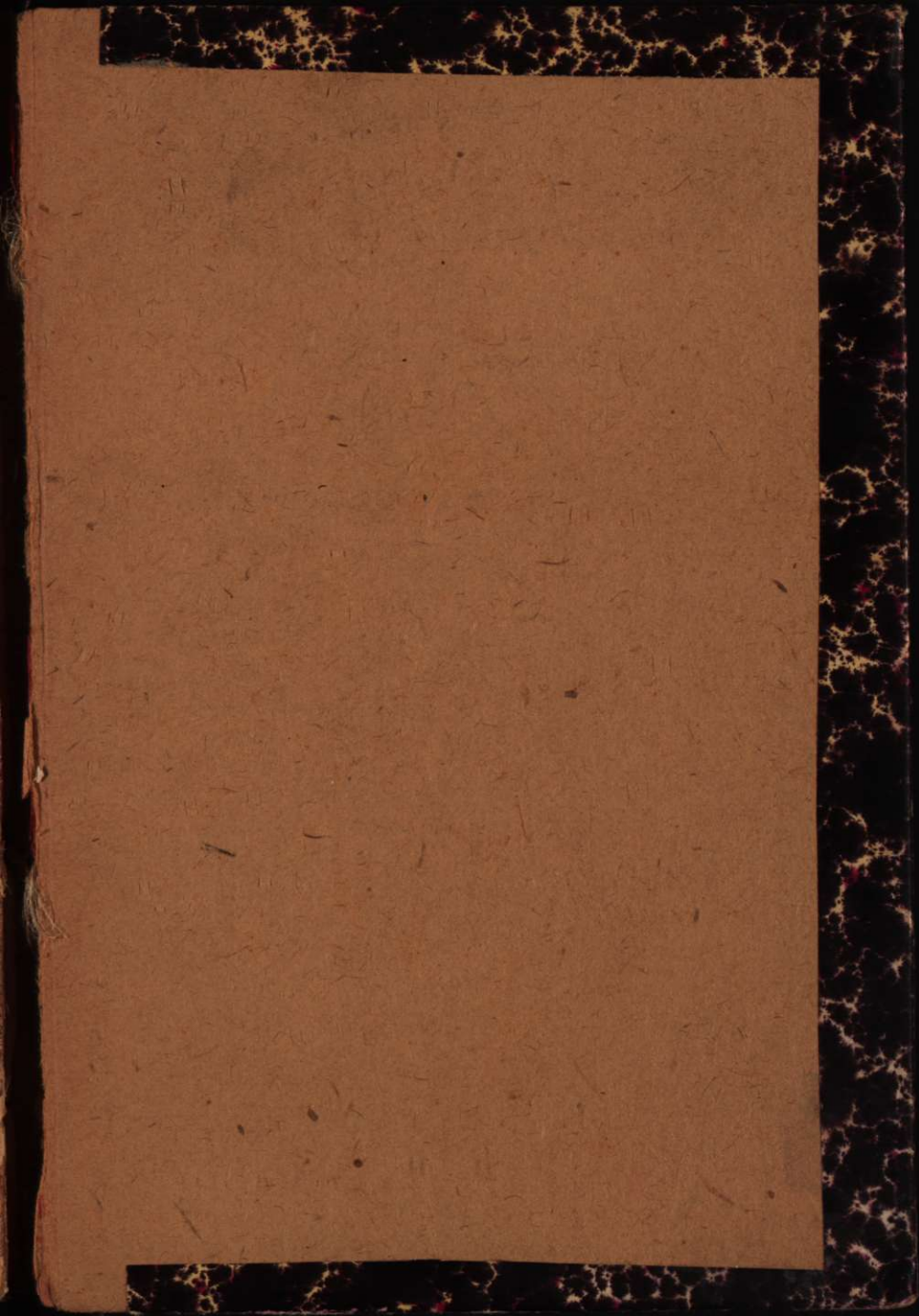
Typos dos mais modernos

DIPLOMAS

ROTULOS PARA PHARMACIA

Tem magnificas machinas de impressao e bom material
Executa-se todo o trabalho typographico





7

GHC